

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A Arte na prática do Serviço Social: princípios,
contribuições e transformação

Ana João Dias Bucho

Mestrado em Serviço Social

Orientador(a):
Doutora Maria João Pena, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

A Arte na prática do Serviço Social: princípios,
contribuições e transformação

Ana João Dias Bucho

Mestrado em Serviço Social

Orientador(a):

Doutora Maria João Pena, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

Agradecimentos

Chegada a etapa final deste ciclo académico, não posso deixar de agradecer às
pessoas que me
acompanharam e apoiaram nesta caminhada tão importante.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, especialmente aos meus pais
Vítor e Maria Luísa e ao meu irmão Luís, que não me deixam paralisar pelo medo do
meu Mundo.

Aos meus primos Ana e Henrique, que a vida nos fez primos, mas escolhemos ser
irmãos. À princesa com o coração do tamanho do Mundo, Maria Constança.

Ao meu tio Domingos Buchó, a minha inspiração na vida académica.

Aos meus amigos e amigas de sempre, pelos bons momentos que me proporcionam e
por estarem presentes na minha vida todos os dias, independentemente do meu
humor.

À digníssima professora dra. Maria João Pena, que tão generosamente me guiou
neste grande desafio.

Por fim, e não menos importante, a todos os técnicos e profissionais, que colaboraram
na materialização desta investigação.

Resumo

A presente investigação procura aprofundar o conhecimento e a compreensão sobre as artes como métodos complementares na prática do serviço social, analisando a forma como se aproximam através do estímulo da consciência crítica do ser humano, para além de um recurso inovador na instrumentalidade do Serviço Social. Também pretende incluir conteúdo sobre as artes na investigação e na educação em serviço social em Portugal.

A partir de uma metodologia qualitativa, foram realizadas entrevistas com a finalidade de dar visibilidade às perceções de profissionais da área social que desenvolvem funções em projetos de intervenção social pela Arte.

Com recurso à técnica de análise de conteúdo, os resultados obtidos exploram a questão relativa à eficácia das práticas artísticas para o desenvolvimento do ser humano, capacitando e gerando processos promotores de mudança. Por um lado, responder às necessidades das pessoas geralmente requer mais do que comunicação verbal, sendo que uma visão holística dos seres humanos que se baseia nas artes expressivas permite, através destes métodos, ajudar os indivíduos a expressar os seus sentimentos e ideias. Por outro, como as técnicas das manifestações artísticas são possíveis para o enriquecimento da instrumentalidade da profissão. Finalmente, a visão das artes como um meio poderoso de enfrentar a injustiça social e catalisar mudanças sociais, abrindo caminho para a transformação individual e coletiva de indivíduos e de nós mesmos.

Palavras-chave: Serviço Social e Arte, Função Social da Arte, As práticas artísticas como instrumento de desenvolvimento humano e inclusão, conexões teóricas e práticas entre arte e serviço social

Abstract

The present investigation seeks to deepen knowledge and understanding of the arts as complementary methods in social work practice, for social workers who have been prepared through experience and/or study while adhering to ethical codes and principles in social work practice. It also intends to include content on the arts in social work research and education.

Based on a qualitative methodology, interviews were carried, in order to give focus to the perceptions of social and art professionals who develop a role in social intervention through art projects.

By the method of content analysis, the results obtained explore the issue of the effectiveness of artistic practices for the development of human beings, enabling and generating processes that promote change. On the one hand, responding to people's needs often requires more than verbal communication, and a holistic view of human beings based on the expressive arts allows them to help express their feelings and ideas through the methods. On the other hand, how the techniques of artistic manifestations are possible to enrich the instrumentality of the profession. Finally, the vision of the arts as a powerful means to address social injustice and catalyze social change, paving the way for the individual and collective transformation for individuals and for ourselves.

Key-words: Art and Social Work, The Social Function of Art, Expressive Arts as an instrument of human development and inclusion, theoretical and practical connections between art and social work

Glossário de Siglas

CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

DGARTES - Direção-Geral das Artes

INAC - Instituto Nacional de Artes do Circo

PARTIS - Práticas Artísticas para Inclusão Social

Índice

Agradecimentos	
Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Glossário de Siglas.....	iii
Índice.....	iv
Índice de tabelas, quadros e figuras.....	vi
INTRODUÇÃO	1
I. ESTADO DA ARTE	3
1.As Artes no Serviço Social e na Mudança Social.....	3
1.1.As artes são relevantes para os utentes de serviço social?.....	4
1.2.As artes são relevantes para os assistentes sociais?.....	6
1.3.As artes são relevantes para a avaliação e pesquisa do SS?.....	8
II. QUADRO TEÓRICO / ANALÍTICO	10
2.1. A cultura na dimensão dos ideais e modos de vida.....	10
2.2. Conexões teóricas e práticas entre arte e serviço social.....	12
2.3. Perspetivas ao nível micro e macro.....	14
III. MÉTODOS	17
3.1. Lógica, métodos e técnicas de investigação.....	17
3.2. Campo empírico, universo e amostra.....	18
IV. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
4.1. A Arte como um processo de transmissão de valores, atitudes e estratégias de acordo com a participação ativa e o espírito cívico.....	22
4.2. Relação da Arte com o desenvolvimento humano.....	26
4.3. Maior inovação e proficiência na prática do A.S através da Arte.....	27
4.4. O papel da supervisão na compreensão das atividades e no desenvolvimento de competências.....	29
4.5. Desafios do trabalho com Arte no âmbito da área profissional.....	30
4.6. Mudanças evidenciadas nos sujeitos com a participação no projeto social através de práticas artísticas.....	31
4.7. Caracterização dos projetos.....	33

CONCLUSÕES.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	43
ANEXOS.....	48
Anexo A – Consentimento informado.....	48
Anexo B – Guião de entrevista.....	49

Índice de tabelas, quadros e figuras

Figura 2.1: Interações dos indivíduos com sistemas	14
Tabela 3.2: Projetos de intervenção social pela Arte.....	18
Tabela 4.7: Objetivos dos projetos.....	36
Quadro 3.3: Caracterização da Amostra.....	20

INTRODUÇÃO

A presente investigação pretende analisar a forma como a Arte se alia à prática do Serviço Social como agente de ação social, justiça e mudança e como a Arte pode aumentar e enriquecer a eficiência da prática e pesquisa do Serviço Social.

Relativamente às motivações para a escolha do tema, em questão pessoal prende-se com a crença pessoal dos poderes da Arte enquanto transformador holístico do ser humano; em questão académica, continuar a investir no conhecimento relativo à aplicabilidade das artes na prática do serviço social; e em questão social mostrar que a Arte é uma ferramenta capaz de abordar o sofrimento humano assim como melhorar a resiliência do mesmo.

No que diz respeito à articulação com o Serviço Social, acredita-se que a Arte contribui para o desenvolvimento da consciência humana e transformação da sociedade, visando a melhoria do regime social, como um instrumento de luta pela libertação e emancipação. Os Assistentes Sociais podem utilizar a Arte na elaboração de projetos e programas desenvolvidos junto dos indivíduos, com o objetivo de potenciar a autoestima dos sujeitos, e propiciar quebras nos ciclos de violência e pobreza e potencializar a consciência crítica para que esses sujeitos sejam ativos nas suas comunidades e na sociedade num todo. Segundo Heinonen *et al* (2019), existe muito espaço para integrar no serviço social numa série de artes. À medida que o interesse e o conhecimento sobre a prática aumentam, a pesquisa e a educação do serviço social incluirão mais frequentemente as artes como complementos da prática do Serviço Social. Além disso, mais assistentes sociais com formação em especialidades de artes expressivas contribuirão com os seus conhecimentos para o serviço social. Hoje, a maior complexidade da vida das pessoas e as questões e problemas que ocorrem em diferentes fases da vida e transições exigem que o serviço social inove e responda de forma eficaz.

A pergunta de partida da presente investigação é: “Em que medida a Arte fomenta as potencialidades do Serviço Social?”. No que concerne aos objetivos de investigação são: geral - Constatar se uma intervenção baseada na Arte fortalece o papel do Serviço Social e específicos - identificar a Arte como um processo de transmissão de valores, atitudes e estratégias de acordo com a participação ativa e o espírito cívico; alargar o repertório metodológico do Serviço Social; analisar a função social da Arte; identificar a Arte como um recurso inovador na instrumentalidade do Serviço Social.

No que diz respeito à metodologia de pesquisa, a presente dissertação caracteriza-se por uma estratégia qualitativa, tendo em conta o caráter subjetivo da temática, sendo que não se trata de contabilizar ou medir resultados, mas de entendê-los, compreendê-los e interpretá-los. De acordo com Vilelas (2009), esta estratégia pretende compreender a realidade dos indivíduos, grupos e culturas a partir da interpretação e sentido que atribuem às suas experiências e ao mundo em que vivem.

A dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo corresponde ao estado da arte, onde é contextualizado o enquadramento teórico.

O segundo capítulo, corresponde à descrição das teorias e conceitos teóricos que são utilizados na análise da questão de pesquisa da dissertação.

Por sua vez, o terceiro capítulo, corresponde e ao enquadramento metodológico, que descreve o paradigma, estratégia e lógica de investigação adotadas; o campo empírico, universo e amostra usados e as técnicas escolhidas para a recolha e tratamento de dados.

Por fim, o quarto e último capítulo, decorre da apresentação dos resultados do estudo, alcançados a partir das entrevistas realizadas e da posterior análise documental, em articulação com as dimensões exploradas no enquadramento teórico. Finalmente, irão ser apresentadas as conclusões obtidas na pesquisa.

I. ESTADO DA ARTE

1. As Artes no Serviço Social e na Mudança Social

Existem cada vez mais estudos de investigadores de serviço social que incluem as artes, sendo estes estudos publicados em livros ou em publicações periódicas. Segundo Huss (2017), mundialmente, existem professores de serviço social que são capazes de utilizar uma variedade de métodos artísticos entre eles artes plásticas, música, poesia, dança e teatro, com sessões experienciais que aumentam a consciência, a compreensão empática, o pensamento crítico e na resolução de problemas, bem como competências para a prática do serviço social com indivíduos, famílias e grupos que utilizam serviços de ação social.

No entanto, até aos dias de hoje muito pouco foi escrito sobre a eficácia das aplicações de artes no ensino e prática do serviço social. A pedagogia do Serviço Social e a prática de ensino sobre este tópico poderiam oferecer material interessante e útil para discussão e divulgação em conferências profissionais e em artigos periódicos.

Egberg, Wiberg, Lundman, & Hallgren (2013), Foster (2007) e Mitchell (2011) afirmam que atualmente, nas ciências sociais, os estímulos visuais e artísticos são proeminentes tanto na pesquisa quanto na prática. Esta manifestação inclui áreas como pesquisa baseada nas artes, cultura visual, antropologia visual, arte comunitária, métodos de ação, terapia artística, artes na negociação de conflitos e artes em mudança social.

Para Huss (2017), o serviço social demorou a abraçar esse movimento, definindo as artes mais como uma ilustração ou como um conceito de criatividade geralmente romantizado, afirmando que por vezes, o movimento é visto como parte de uma dicotomia maior de "arte" em oposição a "Ciência" (embora a ciência possa ser criativa e as artes possam ser sistemáticas e exatas). Dentro da prática do serviço social e pesquisa, a direção de abraçar as artes não foi teorizada como uma estrutura metodológica séria com uma razão epistémica para a inclusão. Concomitantemente, nas palavras de Chamberlayne & Smith (2008); Huss (2009) e Martinez Brawley & Endz (1997), como sempre acontece com outras áreas inovadoras emergentes, o foco da literatura tende a ser apologético e ideológico, ao invés de uma exploração crítica de se e como as artes se conectam ao serviço social e quais são as armadilhas de usar as artes no serviço social. Segundo estes, para se iniciar uma exploração e caracterização da conexão das artes e serviço social, é necessário explorar três questões-chave: primeiro, as artes são relevantes para os utentes de serviço social?

Em segundo lugar, as artes são relevantes para os assistentes sociais? E, finalmente, as artes são relevantes para a avaliação e pesquisa do serviço social?

1.1. As artes são relevantes para os utentes de serviço social?

Tendo em consideração a primeira questão chave, Hass-Cohen & Carr, (2008) e Nelson & Fivush (2004) partem do exemplo de uma mãe enfrentando um momento perigoso como uma cobra na sua zona habitacional, que mobiliza uma ação eficaz por meio de estímulos sensoriais e espaciais. As artes, portanto, podem ajudar a interpretar o self no contexto e planejar ações em níveis espaciais e temporais com a ajuda da memória sensorial passada e da imaginação para reconfigurar resultados futuros. As artes induzem um processamento preceptivo imediato, recolha de informações, e estimulação metabólica que mobiliza o organismo para enfrentar reações.

Concomitantemente, Kaye & Bleep (1997) e Zelizer (2003) afirmam que os indivíduos sempre usaram as artes para abordar e expressar a dor e a adversidade, a fim de aumentar a sua resiliência por meio da interação simbólica e da autoexpressão. Na verdade, Conway & Pleydell-Pearce, (2000) e Sarid & Huss (2010) afirmam que isso significa que a arte é, num nível neurológico profundo, uma interpretação pessoal de um contexto social que se conecta à resolução de problemas e resiliência. As artes, como afirmado anteriormente, recriam a conexão entre a cognição, emoção e os sentidos. Ao fazer isso, cria-se uma configuração única e incorporada da interpelação da pessoa com a sua realidade. Assim, a arte pode ajudar a produzir novos significados e soluções mais capacitadoras, tanto no nível pessoal quanto comunitário. Assim segundo Freire & Macedo (1987), o uso das artes permite que os sistemas negociem mudanças de homeostase para a mobilização da mudança num sistema que está imobilizado. Isso funciona por meio da mudança gradual dos símbolos tradicionais para conter novos significados e, portanto, comportamentos ou divisões de papéis, expressando concretamente uma nova organização social. Como as artes são principalmente um meio de comunicação, elas podem melhorar a comunicação entre assistentes sociais e utentes. As artes podem ainda ajudar a comunicar a experiência marginalizada, pois fornece aos utentes um espaço para explorar e definir a sua experiência por meio da tensão entre a figura e o espaço. A experiência é expressa em forma e conteúdo que exige exploração e autodefinição sobre a experiência de alguém para decidir como comunicá-la aos outros.

Para Dominelli (2006), a mudança para as artes pode permitir que grupos marginalizados e indivíduos neutralizem a supremacia verbal de narrativas

"profissionais" específicas, bem como restringir narrativas coletivas tradicionais que muitas vezes escondem problemas sócio estruturais (eg. falta de recursos), legitimando a opressão. Além disso, as artes podem ajudar a mapear a falta de recursos e espaço. Ao nível teórico, então, as artes têm muito a oferecer aos utentes do serviço social ao nível da exploração e compreensão da pessoa no contexto. Quando usado habilmente por assistentes sociais, as artes podem, portanto, contribuir para a resiliência e o empoderamento do indivíduo. Um exemplo pode ser quando um assistente social discute com o utente, os pontos fortes descritos no seu trabalho de arte. No entanto, usar as artes no serviço social também apresenta desafios metodológicos, culturais e éticos. Em primeiro lugar, a visão da arte como expressão e o paradigma das artes que sublinha que a singularidade individual pode não ser uma forma de arte relevante para utentes de serviço social, que muitas vezes vêm de setores da sociedade variados, marginalizados e/ou não ocidentais. Além disso, pedir a alguém que possa sentir que falhou na vida para criar arte, mesmo que não seja um artista, pode ser visto como mais uma área de fracasso. Além disso, pedir a uma pessoa adulta que não é artista que desenhe ou use outra forma de arte pode ser visto como uma forma de infantilização e, portanto, desrespeitoso. Os utentes também podem temer que a sua arte seja usada para diagnosticá-los, porque as artes podem de facto tornar-se uma prova legal de comportamento psiquiátrico, ilegal ou abusivo.

Para Rogers (1993) a arte, sendo uma linguagem desconhecida para alguns indivíduos, também pode desencadear fortes emoções ocultas que precisam de um espaço mais claramente definido para serem processadas em contexto de acompanhamento terapêutico com um profissional de saúde. Além disso, os assistentes sociais podem não ter as competências para orientar os indivíduos a criar produções artísticas esteticamente agradáveis e comunicativas. Estas críticas levantam questões válidas que precisam de ser abordadas.

De acordo com Chamberlayne & Smith (2008) como todos os outros tipos de intervenção no serviço social, existe o perigo de que a arte se torne uma ferramenta de opressão nas interações infundidas de poder entre assistentes sociais e utentes. A arte não é uma linguagem mágica que une questões de poder ou transcende problemas metodológicos. A adequação da arte como metodologia para utentes é uma questão inerente a todos os métodos do serviço social, incluindo o uso de questionários e técnicas verbais que também podem ser culturalmente diferentes.

Segundo Rose (2011), para colher os benefícios das artes ao trabalhar com os utentes, a prática do serviço social precisa de mudar para uma perspetiva social-antropológica e fenomenológica, em vez de uma compreensão do uso das artes

orientada para o diagnóstico, a projeção ou o produto. Quando as artes são utilizadas dessa forma, há um alinhamento entre o seu uso e os valores do serviço social, como os da importância das relações sociais, do contexto e da cultura.

1.2. As artes são relevantes para os assistentes sociais?

De acordo com Huss (2017), o serviço social apresenta desafios ao nível do ensino, da supervisão e da prática, por ser uma profissão integradora que luta com potenciais ruturas entre as teorias sociais e psicológicas, a emoção e a cognição, e perspetivas globais e culturalmente específicas. Por isso, o serviço social realmente precisa do paradigma adicional das artes para se somar a essa combinação já inundada e potencialmente fragmentada de bases de conhecimentos? Na visão da autora, atualmente, a profissão de assistente social encontra-se ameaçada pela globalização, privatização e diminuição dos fundos para intervenção e supervisão. Portanto, os Assistentes Sociais têm um trabalho complexo de definir e intervir em realidades sociais em constante mudança usando recursos limitados.

Uma maneira de abordar esta crítica é destacar o facto de que a identidade multifacetada dos assistentes sociais poder ser reformulada como uma fonte de energia e inovação. O desafio para a educação em serviço social é criar espaços integradores para diversos elementos. Como as artes são inerentemente integrativas, podem ser uma ferramenta importante para profissionais integradores. Como afirmado anteriormente, as artes conectam-se entre níveis micro e macro de conhecimento do serviço social, entre assistente social e utente, e entre emoção e cognição. Para Walton (2012), as artes podem ser um método para iniciar a prática multilateral e experiencial e a supervisão para o serviço social. De facto, na sociedade pós-moderna, as artes são as ferramentas mais difundidas e eficazes para o ensino e para a mudança de competências comportamentais. Como afirmado acima, as artes são ferramentas de aprendizagem eficazes porque estimulam o processamento preceptivo e a recolha de informações rápidas.

Huss (2017), refere que as crescentes abordagens técnico-práticas e o empobrecimento dos serviços destacam a necessidade de métodos transformativos e críticos, facilitando oportunidades mais amplas para os profissionais do serviço social promoverem diferentes maneiras de conhecer e compreender os contextos sociais. A autora, descreve as artes como uma metáfora para o conhecimento do serviço social que inclui diversos níveis de informação numa única corrente. A partir dessa perspetiva, as artes podem ajudar os assistentes sociais a resolver problemas, permitindo novas perspetivas integrativas que podem incluir, aproximar ou afastar,

fundir, separar ou alterar os contornos dos problemas sociais e centralizar ou descentralizar o sistema como um todo.

A literatura descreve o local de trabalho e as relações de poder dentro dele como um fator de stress para os assistentes sociais (Barlow & Hall, 2007; Carpenter & Webb, 2012). A mudança para as artes injeta um conjunto de mecanismos criativos que ajudam a transformar essa negociação de poder entre assistentes sociais, utentes dos serviços e atores políticos em algo metafórico, corporificado e inovador. As artes encorajam o pensamento crítico porque estão abertas a múltiplas interpretações. Assim, os assistentes sociais são muitas vezes um grupo processado com os ensinamentos e a ideologia do serviço social. A supervisão orientada para a tarefa pode impedir que os assistentes sociais tenham acesso ao seu próprio conhecimento tácito, teorias cegas ou experiência interna, que são fontes valiosas de conhecimento.

No entendimento de Kaufman, Huss, & Segal-Engelchin, (2011) as artes podem fornecer um espaço para estudantes de serviço social, assistentes sociais, bem como para utentes de serviços, escavarem as suas próprias emoções e compreenderem o seu trabalho. As artes, portanto, ajudam a interromper o pensamento automático no espaço reflexivo e crítico. As artes também podem ajudar a ter acesso e regular as reações emocionais dos assistentes sociais, permitindo um espaço seguro para identificar e trabalhar por meio das suas próprias respostas emocionais e as dos outros. Tendo os Assistentes sociais altos níveis de stress e fadiga devido aos intensos problemas sociais que eles encontram e por serviços empobrecidos, as artes são, como argumentado no primeiro ponto deste capítulo, inerentemente autorregulador e resiliente. Assim, as artes fornecem métodos menos específicos, económicos e autossustentáveis para os assistentes sociais abordarem o stress e a fadiga e para regular a emoção. Portanto, como meio sensorial, as artes fornecem uma fonte acessível para recuperação e também interpretação e reinterpretação dessas experiências. As artes ajudam a aumentar a construção do significado e, nesse nível, podem aumentar o crescimento pós-traumático dos assistentes sociais. Os assistentes sociais são frequentemente considerados “salvadores” dos sistemas, trabalhando a partir das suas próprias feridas. O facto de desenvolverem um narcisismo saudável e o brincar é importante para resistir a relacionamentos dependentes com os utentes dos serviços. A partir desta perspectiva, as artes podem ajudar a criar potencial de crescimento pós-traumático dos profissionais e dos utentes.

1.3. As artes são relevantes para a avaliação e pesquisa do serviço social?

Este último ponto, na verdade, inclui duas questões: Em primeiro lugar, há evidências da eficácia das artes como intervenção? Em segundo lugar, há alguma razão para incluir as artes como metodologia na pesquisa em serviço social?

Em relação à primeira questão, a literatura de arteterapia reúne evidências da eficácia das artes em intervenções em muitas situações e com muitas populações, por exemplo, trauma, infância, toxicodependência, violência doméstica e outras populações de serviços de ação social (Levine e Levine, 2011). No entanto, essa evidência é baseada em paradigmas da arteterapia focados no self subjetivo e descontextualizado.

Para Huss, (2015), Vode & Gallant, (2002), esses paradigmas estão em oposição teórica às concepções de os problemas que emergem do contexto, e não dos utentes. O serviço social precisa de criar pesquisas que enfoquem o paradigma da pessoa no contexto utilizado nas suas intervenções, e esse conceito alinha-se mais com a pesquisa baseada em artes do que com a pesquisa em arteterapia. Neste sentido, as artes tornam-se um método de coprodução de conhecimento com os utentes dos serviços - ou seja, a arte torna-se uma intervenção participativa.

Isto pode incluir três direções: Em primeiro lugar, as artes podem permitir uma compreensão dos contextos sociais dos utentes do serviço. Em segundo lugar, como descrito acima, as artes permitem a criação de um conhecimento mais corporificado e de emoções expressas. Finalmente, as artes criam experiências incorporadas, emocionalmente conduzidas e reflexivas, que podem ampliar o objetivo de capturar as experiências dos participantes.

De acordo com Morrison (2007), as emoções são secundárias na pesquisa, no entanto, são uma componente central na prática do serviço social. Como as artes podem ser usadas para esses fins na pesquisa? Em primeiro lugar, as artes podem fornecer dados adicionais de pesquisa, incluindo, por exemplo, linguagem corporal, música e cultura visual. Isso enriquece os dados verbais e adiciona elementos emocionalmente incorporados e muitas vezes contraditórios da experiência do serviço social que são perdidos ao usar apenas a tradução verbal. Um segundo modelo é usar as expressões artísticas dos utentes do serviço como sujeitos de pesquisa (por exemplo, a música hip-hop com um grupo de jovens). Em terceiro lugar, as artes podem-se tornar um método que mostra, em vez de dizer, como os utentes do serviço se comportam. As artes aumentam o “fazer” ao invés de falar e, assim, permitem ao assistente social uma experiência mais incorporada. As artes também podem mudar o seu conteúdo para formas expressivas simbólicas que permitem às pessoas abordar

conteúdo culturalmente tabu ou traumático de uma forma indireta e não ameaçadora. Finalmente, as artes podem-se tornar o próprio produto de pesquisa, tornando esse produto mais comunicativo e acessível a muitos grupos. Butler (2001) descreve o uso da arte como uma forma de influenciar a sociedade ao “fazer ondas” que se contrapõem às posições hegemónicas, quando a arte é ela mesma o produto final da pesquisa, como num blog, filme, peça ou exposição.

Em suma, este capítulo abordou a utilidade das artes para utentes, assistentes sociais e para pesquisa de serviço social, tentando desmistificar e, assim, esclarecer as características de artes relevantes para a teoria e prática do serviço social. Este capítulo também tentou identificar algumas das vantagens, bem como limitações do uso das artes no serviço social.

II. QUADRO TEÓRICO / ANALÍTICO

2.1. A cultura na dimensão dos ideais e modos de vida

A cultura e a arte são os objetos de estudo nesta dissertação conectando-se à instrumentalidade no Serviço Social. A arte como produto da cultura torna-se um mecanismo social que pode assumir uma expressão contestadora, reflexiva, potencializadora, em que os indivíduos podem dar visibilidade aos seus conflitos. Podemos compreender a arte como um instrumento de mediação social, valendo-se deste conhecimento a fim de se conduzir a reflexão da realidade, tanto ao espectador, quanto quem a produz.

Dentro desta ótica, segundo Marques (2014), a arte e a cultura são aspetos essenciais no desenvolvimento pessoal e na qualidade de vida dos indivíduos, razão pela qual o Serviço Social deve integrar estas dimensões no seu trabalho. Segundo Bucho (2010), não existe um consenso claro entre os conceitos de cultura e civilização, não obstante é possível apontar uma tendência: cultura como globalidade da produção humana (e.g. desenvolver, fazer progredir) e civilização para estádios avançados das sociedades ao nível do seu desenvolvimento material e intelectual (e.g. progresso e acesso a bens e serviços da civilidade).

Para Damásio (2017), os indivíduos distinguem-se de todos os outros seres na criação de práticas, ideias, sendo conhecidas coletivamente como culturas. Nelas se incluem as artes, os sistemas morais, a justiça, os sistemas governativos e a ciência. Assim como Bucho (2010), o autor Damásio (2017) também faz referência aos conceitos de cultura e civilização como aquilo que mais distingue a Humanidade, reiterando que associar culturas aos sentimentos e à homeostasia fortalece as ligações humanas, humanizando os processos culturais. Damásio (2017) afirma ainda que a ciência é dependente do que provem das Artes e das Humanidades para explicitar os fenómenos culturais e as experiências humanas. Assim, desde o berço da humanidade, com o objetivo de busca de bem-estar decorrente da necessidade de lidar com o coração humano em conflito e pelo sofrimento, pelo medo e fúria, os seres humanos optaram pela maravilha e descobriram a música, a dança, a pintura, o teatro e a literatura.

Todas estas formas artísticas estiveram ligadas a uma sociabilidade ativa através de frequência de grupos, onde os sentimentos se motivavam, pois é certo que o efeito das Artes transcende os seres humanos. No entanto, para além da satisfação das necessidades afetivas dos grupos, as Artes desempenharam um papel essencial na estrutura e coerência dos grupos, em diversos cenários como cerimónias religiosas e

preparativos para guerras. A música proporcionou sentimentos capazes de cancelar o sofrimento e dar consolo, tanto a indivíduos solitários, grupos ou congregações, sendo igualmente capaz de se adequar a qualquer estado de espírito ou circunstância, em qualquer parte do Mundo, no Amor e na guerra. Associada à música, está a dança, sendo que os seus movimentos levaram à expressão dos mais diversos sentimentos, como compaixão, desejo, o amor, a agressividade e a guerra.

Por outro lado, as artes visuais, que começaram com as pinturas rupestres, assim como manifestações orais entre elas poesia, teatro e exortação política, referiam-se com frequência à gestão da vida (e.g. fontes de alimentos e caça, organização de grupos, guerras, alianças, amores, traições, ciúmes e na resolução violenta dos problemas). Primeiramente as pinturas, e posteriormente os textos serviram de marcos, reflexão, alertas, divertimento e prazer. Mais se refere que ajudaram a clarificar confrontos confusos com a realidade e proporcionaram um caminho para a compreensão do que significam as coisas.

Aquilo a que nos tempos de hoje chamamos de culturas teve início na vida unicelular simples sob a forma de comportamentos sociais orientados pelos vários marcos de desenvolvimento evolucionar, fazendo parte do tecido social e vivendo sob a forma de sentimentos. Estes sentimentos não se limitaram à dor, à perda, ao sofrimento, incluindo também aspirações de comunidade social como a pertença em grupos maiores e de sentimentos dentro de famílias nucleares. Através das Artes os indivíduos tentaram explicar e resolver enigmas da vida quotidiana e formalizaram esquemas de organização social, começando com esquemas tribais e evoluindo para a vida culturalmente estruturada (Damásio, 2017).

Segundo Matarasso (2019, p. 11), *“nos anos 1970, após a Revolução, a Constituição portuguesa estabeleceu um compromisso vital de participação cultural, e algumas instituições importantes, tais como o Chapitô, em Lisboa, e a ACERT, em Tondela, responderam ao desafio. O progresso foi inicialmente lento, mas, nos últimos 20 anos, tem vindo a verificar-se um crescimento acentuado da arte participativa em Portugal. Existem hoje muitos artistas e ativistas que acreditam que qualquer pessoa pode fazer arte e que tal pode constituir uma via para a inclusão, reconhecimento e emancipação sociais. Seria insensato pensar que os projetos de arte participativa podem resolver os desafios multidimensionais com que a sociedade europeia hoje se confronta. Mas seria igualmente insensato ignorar o seu potencial no apoio à capacidade das pessoas para trabalharem em conjunto no sentido de encontrarem melhores ideias para o futuro”*.

2.2. Conexões teóricas e práticas entre arte e serviço social

Segundo Huss e Bos (2018), teoria e prática são frequentemente experimentadas como duas áreas desconectadas: "praticar o conhecimento" como sendo diferente do "conhecimento teórico". A teoria levanta a divisão entre as teorias psicológicas e sociais e entre o serviço social como "arte" e como "ciência". O serviço social tem sido lento para abraçar as suas conexões teóricas com as artes, usando as artes mais como uma ilustração de palavras ou como um conceito geral romantizado de criatividade. Muitas vezes é usado como o oposto da "ciência" (embora a ciência seja, é claro, muito criativa, e as artes podem ser muito exatas). Para Huss e Bos (2018), é vital teorizar a conexão das artes com o serviço social, por forma as artes se tornarem outra metodologia dentro da epistemologia do serviço social, em vez de se tornar uma forma de "fazer" uma atividade ou se tornar uma distração dos objetivos do serviço social. Ou seja, a prática deve sempre emergir da teoria. Neste caso, isso permitirá que os assistentes sociais aproveitem as artes para seus próprios objetivos no seu trabalho e utilizem sua própria criatividade. Em vez de seguir as orientações de "o que fazer", os técnicos pensarão em "porquê fazer" e trabalharão com isso. Cada teoria psicológica e social usada no serviço social têm uma concepção do que é um problema, o que é uma solução e qual é o papel da arte em relação a elas. Isso fornece uma base para entender a relação entre arte e serviço social. Os autores acrescentam que a utilização da arte através da teoria permite a desconstrução do conceito da utilização da arte de acordo com uma definição estática de utentes do serviço, de acordo com o parâmetro único do seu problema. Além disso, todos os tipos de problemas que definem populações são conceitualizados diferentemente de acordo com várias teorias. Por exemplo, se o vício é entendido como uma doença, então a arte será usada para autorregular o sistema. Se o vício é entendido como uma defesa contra memórias traumáticas ou é entendido como falta de esperança devido à marginalização social, então a arte será usada de maneira diferente. O benefício da arte é que pode conter todos esses entendimentos simultaneamente, fornecendo assim um amplo espaço hermenêutico e integrador para os assistentes sociais implementarem os seus entendimentos interdisciplinares. Segundo Roche e Heinonen (2019) em qualquer atividade artística, é necessário que o assistente social que presta serviços tenha confiança e conforto no que oferece. Não apenas os participantes podem sentir a falta de conhecimento de um profissional, mas fornecer um serviço sem treino e preparação adequados, não é ético e pode até mesmo ser prejudicial. Para as autoras, a prática ética é norteada por códigos profissionais de conduta que são claros ao se praticar o trabalho para o qual a pessoa tem experiência ou

conhecimento insuficientes, sendo que os utentes têm o direito a esperar competência por parte dos técnicos em providenciar serviços de qualidade e que os assistentes sociais devem procurar promover os seus conhecimentos e competências, acrescentando inovação e maior proficiência à sua prática. Por isso, para as autoras, os assistentes sociais devem trabalhar em colaboração com aqueles que tenham experiência em práticas artísticas se pretendem investir no Serviço Social e Arte. Segundo Creux (2012), a posição adotada pelos assistentes sociais que usam estratégias artísticas no "mundo super administrado" do serviço social pode ser descrito como "consensual", referindo que Marcuse (1973, p. 152) via a arte, apesar das suas limitações idealistas, e contra um cenário cada vez mais totalitário, como uma forma de anseio permanente, uma verdadeira nostalgia, por uma era de ouro da felicidade humana: "*might be the most visible form of resurfacing of the repressed (...) Art can do nothing to halt the rise of barbarismo because it cannot change the world, but it can help to change the consciousness and the impulses of men and women capable of changing the world*". Creux (2012), acrescenta que as estratégias artísticas dos assistentes sociais contribuem para o "reencantamento" do serviço social e, como tal, servem como atos de resistência face às mudanças que moldam o serviço social. No que diz respeito ao Serviço Social e Arte, segundo Oliveira (2011), a arte tem a função de *empowerment*, sendo que permite que o indivíduo formule críticas da realidade e das relações sociais, para além de enfrentar a questão social, possibilitando assim uma nova hegemonia com cidadãos mais conscientes. Embora os profissionais de serviço social, investigadores e professores tenham encontrado formas de integrar as artes expressivas nos seus trabalhos, as evidências de interesse neste tópico na literatura do serviço social são relativamente recentes. Para os profissionais, pode ser devido a cargas de trabalho pesadas e falta de tempo, ou falta de conhecimento e confiança para inovar. Espera-se que os assistentes sociais prestem serviços de acordo com as políticas e práticas estabelecidas pelos serviços onde trabalham, sendo que poucos recursos podem estar disponíveis para iniciativas iniciais ou trabalhos que são adicionados a tarefas existentes. No entanto, pode haver espaço para construir nas artes se elas puderem melhorar os resultados em benefício dos utentes do serviço social e quando os assistentes sociais tiverem competências, conhecimento e supervisão para apoiar esse trabalho. No contexto português, apesar de existirem projetos de intervenção social pela arte, considera-se que ainda existe muito caminho a percorrer no que respeita ao papel da arte no Serviço Social através da inclusão do tópico na pedagogia do Serviço Social assim como no contexto prático.

2.3. Perspetivas ao nível micro e macro das intervenções baseadas em arte

O foco central da prática do serviço social é entender uma pessoa no contexto: isso significa que o serviço social é uma profissão integradora que inclui múltiplas fontes de conhecimento psicológico e social, incluindo perspetivas micro versus macro. Neste sentido, segundo Bronfenbrenner (1996) citado por Guadalupe (2009, p. 53) o indivíduo é influenciado pela interação de vários subsistemas:

“Os microsistemas são aqueles que estão mais próximos do sujeito, formatando numa relação íntima e imediata o desenvolvimento do ser humano, sendo definido pelo contacto face a face entre os participantes do subsistema. Inclui-se aqui, para a criança por exemplo, a família, o grupo de pares, a turma da escola, entre outros. A interação no microsistema é levada a cabo noutra plano: no mesossistema. Este permite a ligação dos múltiplos microsistemas. Em torno dos microsistemas existe um exossistema que afeta a vida dos indivíduos. Este inclui as estruturas comunitárias e os sistemas sociais organizados politicamente (saúde, educação, emprego, etc). Por fim, o subsistema que hierarquicamente influencia todos os outros: o macrosistema. Este refere-se ao contexto cultural onde situamos todos os sistemas. O macrosistema, é constituído por acontecimentos históricos e memórias coletivas, valores culturais, filosofia, padrões económicos e de proteção social, condições sociais de vida, etc...”

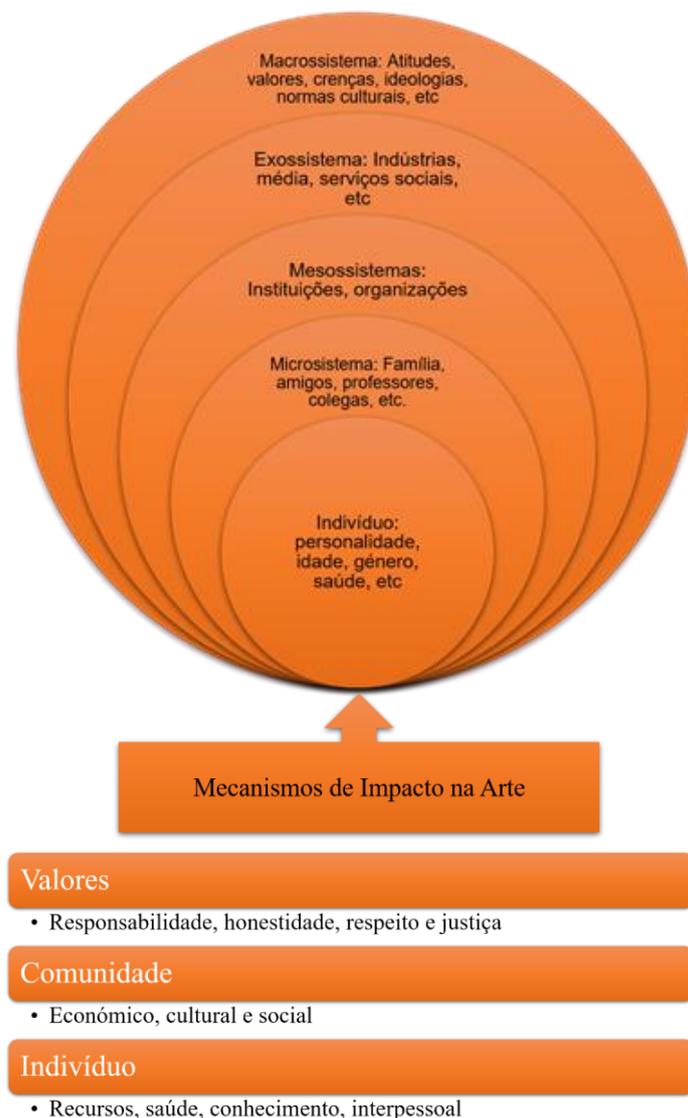


Figura 2.1: Interações dos indivíduos com sistemas e mecanismos de impacto na Arte;
Fonte: Adaptado de Bronfenbrenner (1996), Guadalupe (2009) e Huss (2015)

A figura 2.1 ilustra os impactos e as interações entre indivíduos, grupos e comunidades que são consideradas no pensamento e comportamento éticos assim como os níveis individual e comunitário interagem constantemente e como têm influência um no outro.

Segundo Huss (2015), para compreender as perspectivas micro versus macro ao nível da prática do Serviço Social pela Arte, é necessário o foco em cinco pilares como sendo as bases em que se alicerça nesta intervenção: população, empowerment, famílias, trabalho de grupo e comunidades.

A autora aborda o uso da arte de acordo com o indivíduo, a família, o grupo ou a comunidade como um contexto, afirmando que não existe uma teoria específica que especifique essas configurações. Assim, adultos, crianças, grupos, comunidades e países podem ser entendidos através de múltiplas teorias como a dinâmica, social, cultural, humanística. Huss (2015), dá o exemplo de a teoria dinâmica poder ser usada dentro de um grupo familiar e no ambiente comunitário, assim como a teoria da mudança social poder ser usada dentro de um ambiente individual - como na terapia feminista. Acrescenta que, o pessoal é político, quando entendido através de teorias políticas, e o político é pessoal, quando entendido através de teorias pessoais. Portanto, explica-se que a definição inerente da teoria é que ela é aplicável a todos os tipos de fenómenos e a diferentes configurações dos fenómenos.

Especificando, as teorias acima referidas, no que diz respeito à teoria dinâmica Huss (2015) refere que a teoria dinâmica aplicará a arte de maneira não-diretiva, com o assistente social como observador para permitir a projeção livre nos materiais de arte. O processo e o produto artístico são refletidos e interpretados pelo técnico de maneira contínua ao longo da sessão. Tendo como referência o ponto de vista de Jung, o foco muda para incentivar o processo criativo com símbolos de arte, como um espaço no qual os problemas são resolvidos num nível pré-consciente. Assim, o utente é incentivado a se aliciar na arte, como forma de resolver, e não apenas para se revelar. No que concerne à teoria humanística, esta tem como objetivo apoiar o utente, sendo autêntico, respeitando e criando arte como condições essenciais para a autoexploração, escolhendo materiais e conteúdos como expressões do eu autêntico e no processo interno intuitivo. Tem também como objetivo fornecer reações autênticas à arte através de palavras ou outras formas de arte. A autora dá o exemplo de que o assistente social, pode dizer ao utente como foi emocionante vê-lo a esforçar-se para

encontrar a cor certa para expressar a sua tristeza. No que se refere às teorias sistêmicas, o assistente social será ativo e diretivo, com o objetivo de utilizar a arte para criar mudanças num sistema. Poderá incluir a concretização de relações espaciais, ou o uso da arte como uma maneira de expressar a experiência individual do sistema, ou o uso da arte de maneira direcionada para criar um novo papel; por exemplo, deixando o filho com problemas de comportamento direcionar um trabalho artístico da família. Assim, o técnico utiliza a sua própria criatividade para criar uma nova perspectiva, uma nova experiência ou mudar pontos de vista ou comportamentos através do uso da arte. Relativamente à teoria do empowerment, o assistente social passará ao utente o poder diretivo para que experiencie poder sobre sua própria página, simbolizando sua própria vida; no aqui e agora. Neste contexto, o serviço social visa ativar a comunidade para definir uma necessidade social e expressá-la visualmente num processo de empowerment. Do ponto de vista da teoria cultural, o assistente social irá precisar de negociar ativamente os entendimentos culturais do utente, como a criação de rituais com a arte, e os entendimentos de arte do assistente social, de forma a contribuir para a expressão de sentimentos. No que diz respeito às teorias sociais, esta centra-se na arte como uma metodologia para atingir múltiplos objetivos, como comunicação e papéis de mudança e pontos de vista no sistema. Assim, a arte não é apenas um diálogo estruturado entre o eu e a arte e o eu e o assistente social, mas também um método de comunicação ou interação com outras pessoas da família e do grupo. Entende-se que a arte é uma metodologia adicional usada pelo assistente social para criar novas perspectivas, novas experiências simbólicas e novas formas de comunicação. O cenário e os materiais são, portanto, usados somente quando necessário, e distribuídos, controlados e direcionados pelo assistente social. A configuração é utilizada para criar uma experiência específica, como incentivar papéis por meio de atividades artísticas conjuntas, ou procurar padrões na família ou origem, ou comunicar experiência a outras pessoas. Segundo Huss (2015), os cinco pilares que compreendem as perspectivas micro versus macro ao nível da prática do Serviço Social pela Arte (população, empowerment, famílias, trabalho em grupo e comunidades) funcionam em complementaridade, onde o assistente social trabalha a mobilização e a conscientização e se torna capaz de desenvolver um projeto em torno de objetivos comuns. O assistente social irá mobilizar as suas competências e saberes, para em diálogo com os pares e numa abordagem interdisciplinar, construir processos sustentados de mudança e responder aos seus propósitos de justiça social.

III. MÉTODOS

3.1. Lógica, métodos e técnicas de investigação

Na presente dissertação, a estratégia é qualitativa, justificando-se pelo facto de se pretender compreender a realidade das pessoas, grupos e culturas a partir da interpretação e sentido que atribuem às suas experiências e ao mundo que vivem (Vilelas, 2009). Esta perspetiva distingue-se pelo facto de o investigador não aparecer como um perito, reconhecendo que a relação sujeito-objeto é marcada pela intersubjetividade (Fortin, 1999). Sendo assim, não parte do princípio de que se sabe o que as diferentes coisas significam para os indivíduos investigados, mas sim de que existem múltiplas formas de interpretar as experiências e que a realidade não é mais do que o significado destas (Bogdan e Biklen, 1994).

A nível metodológico a presente investigação centra-se na lógica indutiva, segundo Pacheco (1993) citado por Coutinho (2018, p. 28) *“porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto”*. Sendo assim, para abordar novos contextos sociais que se quer estudar ao analisar os dados indutivamente desenvolvem-se conceitos, ideias a partir de padrões encontrados nos dados; e o significado é de importância vital para as abordagens qualitativas (Vilelas, 2009). Ao nível dos objetivos de pesquisa, define-se como uma pesquisa exploratória, pois é feita de modo a que o investigador se torne mais próximo do mundo do seu objeto de pesquisa e forneça informações, tendo como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (Gerhardt e Silveira, 2009). O seu principal objetivo é o aprimoramento de ideias, fundamentando-se na dialética como um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Durante o desenvolvimento do presente estudo são utilizadas técnicas de recolha de dados de natureza qualitativa, a análise documental de projetos de intervenção social pela arte em Portugal, e entrevistas aos coordenadores dos projetos. Tal como afirmam Pinto e Carvalho (2015) a entrevista tem como objetivo estabelecer uma relação mais próxima com o entrevistado e conseguir informações mais ricas. As entrevistas foram realizadas pela plataforma Zoom dado ao contexto de pandemia Covid 19, e gravadas e transcritas, tendo tido uma duração que variou entre os 45m e 1h. A entrevista que melhor se adequa aos objetivos do trabalho é a entrevista semi diretiva, que segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p. 192), caracteriza-se por ser flexível, em que o investigador apesar de apresentar uma série de perguntas abertas, *“deixará andar o entrevistado*

para que este possa falar abertamente". Ao nível das técnicas de análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo, em que a informação recolhida foi organizada em categorias e subcategorias, de acordo com os procedimentos da análise de conteúdo temática ou categorial.

3.2. Campo empírico, universo e amostra

No que diz respeito ao campo empírico, a presente investigação procurou abranger diferentes projetos de intervenção social pela Arte. Alguns dos projetos aqui analisados inserem-se na iniciativa PARTIS - Práticas Artísticas para Inclusão Social da Fundação Calouste Gulbenkian, que apoia, através de financiamento e ações de capacitação, organizações que desenvolvem projetos que utilizam as práticas artísticas (plásticas, audiovisuais e/ou performativas) como ferramenta privilegiada para promover a inclusão social. Entre 2019 e 2021 foram apoiados 15 projetos, tendo analisado seis projetos. O programa Arte e Saúde Mental da Direção-Geral das Artes (DGArtes), que resulta de uma parceria com a associação P28 e tem como objetivo criar sinergias, através das artes, que contribuam para superar os desafios atualmente enfrentados pela área da saúde mental em Portugal, promovendo o combate à discriminação e ao estigma associados à doença mental. A iniciativa apoia 19 projetos, tendo sido analisados dois; outras iniciativas de carácter público em cooperação com estruturas artísticas (Câmara Municipal do Porto com Momentum Crew, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão com INAC - Instituto Nacional de Artes do Circo, Ministério da Educação com Associação Menuhin Portugal) e privado (Teatro Umano – associação cultural). No total foram apoiados, conforme a seguinte tabela:

Instituição	Projeto	Expressão Artística
Camara Municipal do Porto e Momentum Crew	Desporto no Bairro – Momentum Crew	Dança Urbana
Teatro Umano - associação cultural	Bairros saudáveis, Teatro e Saúde Mental, Teatro na prisão, Teatro com idosos	Teatro e Práticas artísticas comunitárias
INAC - Instituto Nacional de Artes do Circo	Circo Por Todos	Circo contemporâneo e artes de rua
Associação Menuhin Portugal	MUS-E	Expressão Musical, Dramática e Plástica, Movimento e Dança, Escrita Criativa

Teatro Humano - associação cultural	"Ajuda-me a não ter medo!"	Teatro
Marionet - associação cultural	"Ouvir Vozes"	Cruzamento disciplinar entre o Teatro e a Ciência
Companhia Olga Roriz	Corpo em Cadeia	Dança
Artemrede - Teatros Associados	Meio no meio	Dança, Música e Teatro
ImPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário	Sob o mesmo céu	Artes visuais, audiovisual e arte urbana
Bengala Mágica - Associação de Pais, Amigos e Familiares de Crianças, Jovens e Adultos Cegos e de Baixa Visão	Filarmónica enarmonia	Música
Associação EPSEDUSA - Espaço de Psicologia, Educação e Saúde	Diários de um interior	Fotografia e vídeo

Tabela 3.2: Projetos de intervenção social pela Arte

LEGENDA:

Projetos Direção-Geral das Artes (DGArtes)
Projetos Fundação Calouste Gulbenkian
Outras iniciativas públicas e privadas

Dado à variedade de protagonistas e de instituições, públicas e privadas, é possível identificar uma multiplicidade de vozes e perspetivas e vozes que têm na base um conhecimento teórico-prático nas áreas sociais e artísticas, o que permite o melhor aprofundamento do tema.

Sendo assim, o universo, de acordo com Coutinho (2018), é o conjunto de elementos ou pessoas a quem se pretende generalizar os resultados e quem partilham uma característica comum. Neste estudo compõe-se por um grupo de diferentes áreas profissionais incluindo Serviço Social, Direito, Psicologia, Animação sociocultural, Educação e Artísticas.

Por sua vez, a amostra é o conjunto de sujeitos (e.g. pessoas, documentos, etc.) de quem se recolherá os dados, sendo um subconjunto do universo que terá de a representar. Um técnico por cada projeto e a diversidade de posições académicas. A amostra selecionada engloba um total de 11 sujeitos, que se subdivide nas diferentes áreas profissionais, conforme o quadro 3.3.

Elemento da Amostra	Formação	Cargo desempenhado
A	Serviço Social	Assistente Social no Município de Almada
B	Serviço Social	Assistente Social/coordenadora do projeto
C	Psicologia de Educação	Psicólogo/coordenador do projeto
D	Animação Sociocultural e Pós-graduação em Educação Social e Intervenção Comunitária	Coordenador do projeto - Lisboa
E	Dança e Direito	Coordenadora Artística e Social
F	Circo, Acrobacia Aérea e Dança Contemporânea	Direção Geral
G	Ballet Clássico e Circo	Coordenação Pedagógica
H	Antropologia Social e Cultural, Mestre em Psiquiatria Social e Cultural Doutorada em Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas	Investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES)
I	Encenadora, atriz e docente. Licenciada em Teatro e Educação, Mestre em Criatividade Aplicada ao Teatro e Mestre em	Diretora Artística do Teatro Umano

	Teatro Social e de Comunidade. Doutorada em Teatro Social	
J	Dança urbana	Diretor do MXM ArtCenter Coordenador do projeto
L	Licenciada em canto e Mestre em música	Docente de canto, classe de conjunto e formação musical

Quadro 3.3. Caracterização da Amostra

Todos os participantes são informantes privilegiados em termos da temática estudada, uma vez que estão ligados à área social e artística, seja num âmbito mais teórico de produção de investigações, publicações e projetos ou numa vertente mais interventiva, ao desenvolverem a sua prática profissional, privilegiando a arte como meio de intervenção social junto de grupos em situação de vulnerabilidade ou exclusão, constituindo uma amostra não probabilística por acessibilidade

Salienta-se ainda que embora a amostra seja reduzida tal não ocasiona um problema no âmbito deste estudo, uma vez que esta visa aprofundar o conhecimento sobre a temática, realizar uma aproximação à realidade e conceder-lhe uma maior visibilidade no contexto nacional.

IV. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Na atualidade, aumentou o uso intencional da arte para ajudar a superar várias questões e novas formas de integrar arte, sociedade e bem-estar geral surgiram nos últimos anos. Os impactos das artes são atuais e, portanto, espera-se que os atores culturais e sociais tenham habilidades na gestão de projetos de arte que visam impactos sociais mais amplos. As artes e os projetos de arte são cada vez mais necessários para demonstrar a sua influência e impacto na sociedade, não apenas dentro das artes e entre os seus membros participantes, mas dentro das comunidades e da sociedade em geral.

Maioritariamente, os assistentes sociais, artistas e outros atores sociais, conseguiram criar relacionamentos abertos, respeitosos e inspiradores de confiança. Para isso, os atores sociais precisaram de ouvir e levar em consideração outras necessidades e desejos dos participantes - não apenas desenvolver a sua própria arte e ideias artísticas.

Mediante as narrativas sobre as experiências profissionais dos entrevistados surge seis categorias empíricas relacionadas com o objeto de estudo entre elas:

- A Arte como um processo de transmissão de valores, atitudes e estratégias de acordo com a participação ativa e o espírito cívico;
- Relação da Arte com o desenvolvimento humano;
- Maior inovação e proficiência na prática do assistente social através da Arte;
- O papel da supervisão na compreensão das atividades e no desenvolvimento de competências;
- Desafios do trabalho com Arte no âmbito da área profissional;
- Mudanças evidenciadas nos sujeitos com a participação no projeto social através de práticas artísticas;

Ainda de salientar, um capítulo relativo à análise documental dos projetos no sentido de compreender, comparar e analisar, os objetivos assim como as metodologias e públicos alvo.

4.1. A Arte como um processo de transmissão de valores, atitudes e estratégias de acordo com a participação ativa e o espírito cívico

Urge salientar os seguintes aspetos quanto à utilização da arte como instrumento de transformação/mudança social: as artes performáticas (teatro, dança, música, circo) como meio de intervenção, permitem uma melhoria significativa ao nível físico (postura, redução de tensões, disposição física) e aprendizagem instrumental:

“Trabalhamos com utentes de seis instituições da região, o desenvolvimento motor e expressivo, desenvolvimento pessoal e social de cada participante, através de vários tipos de movimento corporal, malabarismos e manipulação de objetos, aéreos, acrobacias, equilíbrios (...) como trabalhamos com multideficiências, é um dos grandes desafios, trazem-nos múltiplas possibilidades e não possibilidades, então temos desde pessoas em cadeira de rodas, trissomia 21, há pessoas que até têm demências que ainda não foram diagnosticadas e então há uma grande dificuldade em aprofundar o trabalho (...) como o circo exige bastante destreza muscular, quando nós olhamos para esses corpos, nós tentamos sempre encontrar a destreza no que eles podem fazer” [G]; “é essencial a replicação do projeto, no sentido de incitar e capacitar outros docentes e instituições para o desenvolvimento de projetos idênticos para além da minimização dos preconceitos da sociedade para com os deficientes visuais e normovisuais carenciados (...) este projeto permite uma apreciação do percurso artístico, dos resultados do ensino regular obrigatório, a apreciação do comportamento do beneficiário face aos outros, e da apreciação do desenvolvimento social (...) nós temos casos de alunos que não aceitam a sua cegueira ou baixa visão, o grupo também ajuda a que esses alunos vejam pessoas com eles e para que possam ajudar entre si (...) no fundo queremos que eles tenham esse sentimento de pertença (...) também existe um grupo de ajuda mútua entre pais de pessoas com deficiência visual”. [L]

Ao nível emocional e social, possibilita o respeito pelo outro, o sentido de pertença, motivação e aumento de felicidade e diminuição de tristeza:” o breaking está no seu habitat natural, foi por uma necessidade de expressão cultural de subúrbios, em classes desfavorecidas, que o breaking surge dentro da cultura do hip-hop. O breaking tem a sua génese nos subúrbios (...) usar a arma do breaking para a intervenção social, cultural e desportiva, para a mudança, autodisciplina, fugir à droga, crime ou mau comportamento na escola faz parte da missão do Desporto no Bairro” [J]; o nosso objetivo é trabalhar com os bairros, e como podiam dentro do bairro criar dinâmicas de inovação social, sempre usando a Arte, a ideia da Arte como relação, confiança e competências sociais e pessoais” [I]

A ampliação das possibilidades quotidianas melhora a argumentação, o raciocínio, a comunicação, o sentido crítico, o entendimento, o questionamento e a novas aprendizagens: *“a Arte é comunicar e uma forma de agitar consciências, mostrar outros caminhos e oportunidades (...) “uma janela de oportunidade para aquelas*

crianças que por várias razões não têm acesso à Arte (...) não quer dizer que não lhes seja dado pela sociedade e por questões políticas, mas também por questões familiares que não têm acesso Relativamente à questão das minorias e etnias, esta janela de oportunidades também deve ser proporcionada, por razões culturais e políticas, e é também nisso que o projeto foca, na medida em que trabalha com as crianças na escola, no contexto da relação em sala de aula, porque existem alunos de várias origens. Há ainda vários preconceitos das próprias crianças em relação aos seus colegas, e é essencial trabalhar esta questão por razões sociais, relacionais e no aceitar o outro e são esses valores que são transmitidos no projeto (...) a arte é um meio, e o papel mais importante não é o dar a arte em si mas é a forma como o artista transmite à criança, não é formar artistas (...) é uma forma de mostrar os direitos que têm”. [D]

Incremento dos vínculos comunitários e familiares, ilustrados pela satisfação dos familiares - Orgulho por parte dos familiares ao nível de superação de obstáculos e limites e o favorecimento de novas vivências em territórios inexplorados: “os participantes revelam estar a desenvolver competências fundamentais à promoção de mudança a médio e longo prazo (...) no contexto territorial revelam-se importantes mudanças como seja maior conhecimento da história passada do Bairro e das principais mudanças ocorridas no território; presença de uma maior noção do espaço social do bairro e das necessidades da comunidade; maior valorização do espaço público enquanto espaço comum a todos; crescente identificação de problemas sociais, reflexão acerca das causas e procura de soluções em conjunto; aumento do respeito e sensibilidade para a diferença, nomeadamente diferenças culturais e religiosas assim como o aumento da coesão do grupo, da capacidade de cooperação e do trabalho em equipa; maior abertura face à aprendizagem; desenvolvimento ao nível das competências sociais, nomeadamente na comunicação interpessoal, verificando-se um maior respeito pela opinião do outro”. [B]

A acrescentar o acesso dos indivíduos às várias expressões artísticas, a sua disposição ao outro e maior tolerância ao tempo: “tem sido surpreendente constatar como o social e o artístico se potenciam quando articulados com imaginação e flexibilidade. Maior pegada artística gera maior pegada social e o inverso também (...) curiosamente, e revelando o preconceito social, os maiores desafios aconteceram no seio da equipa e não com os reclusos”. [E]

Melhoria das relações entre os técnicos e os destinatários da intervenção: horizontalidade das relações e competências culturais: *“Cada vez mais sinto que é através da relação que nós podemos fazer a diferença na vida das pessoas com as quais trabalhamos, na definição dos seus projetos de vida. Essa relação torna-se fundamental quando estamos a implementar projetos artísticos de inclusão social.”* [A];

As práticas artísticas poderão ser um meio facilitador da capacitação e do crescimento pessoal, bem como da integração social, por se tratar não só de um contexto onde as esferas do saber fazer artístico e do saber ser se cruzam e se potenciam, mas também por se tratar de um espaço comum de trabalho que facilita relações, tanto pelas trocas de conhecimento e de sensibilidades, como pela gestão dos espaços e dos recursos existentes: *“eu sempre usei muito a pesquisa baseada em artes, fiz documentários, trabalhei questões ligadas à música rock, à rádio e quando surgiu a hipótese de fazer uma candidatura a este programa de Artes e Saúde Mental, todas estas ligações fizeram sentido para trabalhar a questão da saúde mental, que é uma questão que vai estar na ordem do dia depois da pandemia (...) eu ouço muitos relatos seja na saúde mental, seja noutras condições crónicas em que as pessoas dizem eu é que sou a especialista na minha doença, muitas vezes é mais quantitativo, querem perceber o que a pessoa sente e quando melhorou e é tudo matemático (...) nós sabemos que não é assim, que as pessoas são todas diferentes, que as suas ansiedades, história de família, e corpos são diferentes e isso é um assunto que em interessa muito, porque as narrativas das pessoas são muitas vezes esquecidas, e este projeto é projetado com construção, ou seja nós não estamos a fazer uma coisas sobre as pessoas, é com as pessoas”*[H]

As práticas artísticas poderão ainda ser um veículo de promoção da educação e da integração

social, tendo como objetivo a criação de espaços de participação e construção coletiva para potenciar o reconhecimento dos territórios através de ferramentas de preservação de identidade, história e cultura de comunidades: *“nós não partimos do pressuposto que a arte por si só vai promover integração social, nós partimos do pressuposto que a arte enquanto objeto comunitário e objeto de partilha permite dar disponibilidade às comunidades serem trabalhadas noutras áreas (...) e partindo desta ideia, e do problema do envelhecimento nas populações do interior é interessante ficar de viva voz as histórias que os museus não contam (...) se forem ao museu do pão está lá tudo sobre o pão, mas não está a história contada na primeira pessoa da*

senhora que faz o pão... quando é que começou a fazer pão, que vicissitudes levar a fazer pão”. [C]

4.2. Relação da Arte com o desenvolvimento humano

Segundo Huss e Bos (2018), a formação do ser, os campos de conhecimento científico não se aplicam, aplicam-se antes os campos de experimentação artística, porque são estes os que oferecem um espaço onde se podem realizar vivências das competências da vida. Como fim, proporcionam oportunidades para os seres olharem diretamente para si próprios e para os eventos das suas vidas, usando-as como peças da sua construção: *“eu acho que aquilo que acontece não é muito visível aos olhos, porque eles às vezes até nos surpreendem muito, às vezes pensamos eles estão ao nosso lado mas não estão a perceber nada, muito pelo contrário, às vezes eles têm uma reação que nos impressiona, é difícil dizer (...) eu acho que o lado positivo é que eles querem estar aqui, quando não estão bem choram e dizem que não estão bem e não querem fazer (...) é difícil ter algum pautável e do quanto o circo contribui para eles, mas também porque trabalhamos com um grupo considerável em número e multideficiências”[F]*

A Arte, ao contrário de qualquer outro campo, consegue atingir o desenvolvimento pleno do ser e a formação equilibrada do carácter. Isto deve-se ao simples facto de as artes constituírem a linguagem dos afetos (emoções, sentimentos): *“o projeto iniciou-se com o objetivo de dar a conhecer o breaking, modalidade que acaba de se juntar ao programa olímpico de 2024 (...) o grande objetivo é acima de tudo despertar amor, por uma nova modalidade (...) nós acreditamos que o amor é a chave para as pessoas que não o têm e que não o descobrem, então a ideia foi de forma não imposta colocar um rádio no chão, aparecer no bairro, desenrolar um linóleo e apenas dançar (...) ninguém ali se intitulou de professor, de formador ou de monitor. Chegámos ali e dissemos “estamos aqui, para curtir convosco, somos uns jovens que também gostam de dançar. Se quiserem dançar connosco, força, se não quiserem, fiquem aí a curtir, perguntem o que quiserem (...) com isto atrair jovens e através desse amor, dar-lhes e caminho alternativo para que eles possam ter um futuro em algo que não conhecem” [J]*

A Arte é uma ferramenta de inclusão social, de participação, de envolvimento na sociedade e de desenvolvimento de competências e capital social. Através de projetos sociais pela arte, vamos ao encontro da pessoa, ajudando a desenvolver e a

realizar o seu potencial humano de forma acompanhada e em simultâneo combater o processo de rotulação e estigmatização que muitas vezes está presente na ação do serviço social: *“todos os anos temos conseguido trabalhar nesses bairros, (...) ainda existe muito estigma em relação aos bairros sociais, há gente com muito valor, e o que nós sentimos é que temos que apostar muito nas crianças e jovens (...) até criamos um espaço nos bairros chamado espaço de criatividade onde os miúdos faziam as atividades que queriam e a nossa chave é delegar no outro e confiar no outro porque no fundo o teatro só existe se houver essa confiança e essa contra cena e o teatro humano rege-se muito no “eu acredito que tu és capaz” [1]*

4.3. Maior inovação e proficiência na prática do assistente social através da Arte

No que concerne à arte enquanto instrumento de intervenção no quotidiano profissional do assistente social é do entendimento das técnicas inquiridas que a arte se estabelece como um meio que permite a relação com os destinatários e a adoção de estratégias de trabalho menos rígidas e formais: *“entendo a arte como uma ferramenta, não gosto tanto da palavra instrumento, porque poderemos estar a cair na instrumentalização da arte. Gosto de pensar na arte como uma ferramenta ao nosso alcance para estabelecer relação com os destinatários da nossa intervenção como Assistentes Sociais (...) Cada vez mais sinto que é através da relação que nós podemos fazer a diferença na vida das pessoas com as quais trabalhamos, na definição dos seus projetos de vida. Essa relação torna-se fundamental quando estamos a implementar projetos artísticos de inclusão social.” [A]; “eu acho que na área do Serviço Social ainda se adotam estratégias demasiado rígidas, e por vezes parece-me que ainda estamos na onda de fazermos as coisas de forma formal, e eu acredito que é mais fácil fazer ao contrário, é mais fácil quando descemos do tal pedestal e criamos empatia com o outro e quando nós criamos uma verdadeira empatia com o outro, nós automaticamente temos que intervir na base da proximidade, a proximidade leva à empatia e a empatia leva à proximidade. É uma troca. Então eu acho que a proximidade com os grupos alvo, sejam eles quais forem, e as Artes por serem tão apelativas eu acho que podem trazer este cunho inovador, e pode ser mais simples inovar (...) e quando nós estamos a inovar é mais fácil chegar ao outro porque são linguagens mais apelativas e muito mais interessantes do ponto de vista em que funcionam. Eu acredito que a proximidade e a empatia gera mudança, o amor que damos às pessoas e a relação, a relação é fundamental porque se esta relação é estabelecida com base em ferramentas mais participativas mais fácil é chegar ao outro (...) [B]*

Ao nível do serviço social, a ética traduz a questão do comportamento moralmente certo ou errado. Quando os assistentes sociais, os artistas e outros atores sociais trabalham com os participantes em projetos de intervenção social pela arte, cada indivíduo envolvido tem igual direito à autodeterminação, à participação, ao tratamento holístico e à privacidade, assim como ao direito e responsabilidade de desenvolver competências profissionais e de bem-estar. (Huss e Bos, 2018). Assim, a questão crítica é respeitar esses direitos desde o início dos projetos, ouvindo atentamente as necessidades e prioridades de cada indivíduo. Os valores entrelaçam-se com os direitos humanos ao trabalhar a arte com seres humanos. Os técnicos que procuram seguir códigos de conduta ética em projetos de intervenção social pela arte com impacto social consideram no planeamento e na implementação dos projetos, valores básicos fundamentais: democracia, responsabilidade, cooperação, honestidade, igualdade, responsabilidade social, respeito e justiça: *“A inclusão é plena quando estás junto com aquelas pessoas, a fazer “macacadas”, a participar nos workshops, a estares “nua” na relação com o outro. Tu és a Técnica, mas despes a farda e estás junto com as pessoas. Há uma maior abertura para confiarem em ti, para inclusive te pedirem ajuda: o mais básico (prestações sociais, como pedir uma habitação à câmara, etc), o mais quotidiano (como fazer para ter acesso a uma bolsa de estudo, como abrir atividade para passar recibos verdes). Mesmo na relação com os artistas”* [A]

Nas palavras de Matarasso (2019), os projetos de intervenção social pela arte são reflexos e representações de contextos sociais. Desta forma, estes projetos atuam como input para diferentes políticas sociais. Sendo assim, sempre que a questão do impacto da arte é abordada, a correlação das artes e a sociedade precisa de ser enfatizada. Políticas sociais, culturais, educacionais, ambientais e económicas, cada uma tem os seus objetivos, ferramentas e medidas que, direta ou indiretamente, têm influência nos projetos de intervenção social pela arte. Segundo Huss (2017), o principal fundamento no que concerne à relação entre os níveis micro, meso e macro é o desenvolvimento de competências, conhecimentos e valores em advocacy, direitos humanos, pobreza alimentar, relacionamento interpessoal e violência. Esta conexão entre os níveis micro, meso e macro de experiência pode auxiliar na externalização em vez de internalizar a origem do problema para os indivíduos. Isto é concomitante com o objetivo do serviço social, que é, apresentar problemas emocionais/sociais dentro dos contextos, e neste nível, é particularmente relevante para assistentes sociais combinarem as perceções entre os níveis micro, meso e macro, sendo uma área que precisa de ser articulado de forma mais clara no serviço social: *“No que toca ao*

trabalho com as comunidades, alguém tem de os chamar “à realidade”. A excelência artística é importante, como é óbvio, mas as pessoas a quem se destinam estes projetos ainda são mais importantes, o bem-estar delas é fundamental. Temos de proporcionar uma experiência capacitante e não castradora. Compete-nos “escolher” bem quem são estes artistas.” [A]; “As mudanças só acontecem quando o outro quer que aconteça (...) a Arte tem esta premissa de dar voz às pessoas (...) a voz não precisa de ser a voz falada (...) a arte permite exprimir tudo o que sentimos, liberta-nos (...) a Arte tem esta capacidade de eu tenho uma limitação aqui mas eu consigo representá-la através de outra coisa (...) mais do que ter voz é serem ouvidos” [B]

4.4. O papel da supervisão na compreensão das atividades e no desenvolvimento de competências

A supervisão do serviço social é considerada uma característica central no desenvolvimento da identidade e prática profissional do serviço social. A supervisão de boa qualidade tem sido citada como um eixo potencial sobre o qual a integridade e a excelência da prática podem ser mantidas. No entanto, de acordo com Letchfield e Engelbrecht (2019), tendo em conta o impacto das influências sociais e políticas globalizadas e das mudanças económicas que afetam o serviço social, a finalidade e a epistemologia da supervisão no serviço social dão origem ao surgimento de pontos de vista contraditórios sobre o objetivo principal da supervisão, face à sua base empírica e a necessidade de uma mudança cultural para lidar com as tensões entre as abordagens tecnicistas e as abordagens baseadas em relacionamento: *“Toda a nossa intervenção terá de ter momentos de reflexão. A supervisão é um espaço de partilha de práticas e de momentos de avaliação do nosso trabalho. Ponderar o que estamos a fazer, com quem o estamos a fazer e qual a perceção dos destinatários destes projetos. Nos projetos artísticos trabalhamos as competências, a assertividade, a capacitação. Teremos de ter momentos para avaliar se estamos a desempenhar bem o nosso papel. Teremos de ter bem estruturado o foco da intervenção. Correndo o risco de estarmos a trabalhar as expectativas das pessoas e não conseguirmos cumprir com elas. Nestes projetos trabalhamos muito as relações. No entanto, temos de ter bem definido o nosso papel enquanto assistentes sociais. Um assistente social não se substitui dos outros profissionais. Teremos de ser facilitadores, mediadores. Daí a importância da supervisão” [A] “A supervisão consiste em fazermos avaliações de 3 em 3 meses com a entidade promotora e com a iniciativa PARTIS, para perceber se os objetivos estão a ser concretizados e também fazemos reuniões internamente e com os participantes do projeto para conseguirmos ver com eles o que está bem, o*

que está mal (...) o projeto foi motorizado desde o início (...) esta supervisão é fundamental no sentido de perceber se os objetivos vão de encontro aos desejos dos participantes, porque se estamos a trabalhar com pessoas mais difíceis, com algumas carências, nós temos de perceber se as expetativas deles estão a ser cumpridas ou não, senão mais tarde já não os temos (...) é este jogo de cintura que temos de ter para a cada momento percebermos está a correr bem não está (...) é fundamental nós cumprirmos com as expetativas das pessoas para as conquistar também” [B]

4.5. Desafios do trabalho com Arte no âmbito da área profissional

Todas as intervenções apresentam resultados evidentes e na maior parte das vezes é retido o rótulo de utentes acompanhados por programas através do estabelecimento de um diálogo livre, não serem acompanhados apenas pelo critério de utentes beneficiários de apoios sociais, descoberta de aspetos quotidianos e competências desconhecidas e serem exemplo de superação. Acrescentar que é possível utilizar a arte como instrumento de intervenção, não obstante, com o devido cuidado, pelo facto de os indivíduos poderem estar sensíveis e suscetíveis, por isso requer que a expressão artística se adapte a um processo particularidade importante da sua vida, sendo efetuado de forma ética e cuidadosa: *“Nós tentamos sempre tirar a cegueira social que há em relação àquilo que é diferente, a arte tem esse papel, a arte dignifica, dá direito à diferença, diz que a diferença é uma riqueza”. [I]* *“existem várias situações de crianças que por questões culturais não podem dançar, não podem outras coisas, mais as meninas (...) e as famílias por vezes não querem que os filhos/filhas não façam as aulas, no entanto nesses casos os artistas desmitificam o que são as aulas, e as crianças voltam a integrar, ou seja, há esta falta de comunicação do que é o teatro, a dança nas escolas, daí a importância do trabalho com as famílias”. [D].*

“há pessoas para quem aquilo é muito violento, agressivo e invasivo, há outras para quem aquilo faz parte da experiência do dia a dia, e até consideram vozes de companhia, vozes de aconselhamento, portanto, quem somos nós para dizer que aquilo é mau, que se tem que medicar para eliminar a voz, aquela voz faz parte da vida da pessoa” [H]

4.6. Mudanças evidenciadas nos sujeitos com a participação no projeto social através de práticas artísticas

Tendo em conta os resultados, é possível verificar que ao nível individual, a arte permite aos participantes obter formas de superar traumas, tristezas, isolamento, violência, dificuldades diversas e problemas de saúde mental e física. Ao nível comunitário, verifica-se a transformação física/social de territórios e de indivíduos, onde populações proveem de contextos e culturas muito diferentes, potencializando a multiculturalidade e o encontro de gerações. *“há uma mudança que é muito pouco visível, a relação com o outro, ações como o dar a mão ao colega, é uma ação que muitas vezes as crianças porque lhes é transmitido pelas questões culturais, familiares, a questão do contacto com o outro (...) muitas das atividades do MUS-E são muito interativas e inicialmente há alguma rejeição, mas ao longo do tempo isso vai-se esbatendo (...) isso pode não parecer muito mas é muito, é uma questão de ultrapassar preconceitos que lhe são transmitidos e em contexto de aula isso vai-se atenuando”*[D].

Verifica-se ainda o fortalecimento da vinculação e sentimento de pertença dos indivíduos assim como o desenvolvimento de competências sócio emocionais e de aprendizagem para a inovação e habilidades para a vida: *“existe muita desarrumação interior mas sente-se o potencial criativo e transformador desse caos (...) existe também abertura em relação ao que vem de fora e é novo, o desejo de absorver e incluir o outro para se encontrarem a si próprios (...) há aspetos comuns partilhados por pessoas que vivem experiências semelhantes e habitam o mesmo espaço, mas é muito mais aquilo que os diferencia do que o que os aproxima (...) encontrei neste grupo de rapazes, uma qualidade de atenção, que é muito próxima à qualidade de presença que se espera de um artista (...) talvez isto tenha a ver com a necessidade de estas pessoas estarem permanentemente em estado de vigilância. Muitos dos rapazes tiveram trajetórias de vidas complicadas, com memórias físicas marcantes. Há uma agilidade, inventividade, que surpreende e dinamiza. É muito comovente ser testemunha desses movimentos de expansão, a forma corajosa como negociam com o medo e com a vergonha”*. [E]

A arte como parte do trabalho social e de reabilitação por vezes pode-se tornar problemática porque nem toda a arte tem bons frutos. Para isso, os técnicos devem procurar perceber o que é significativo para indivíduos ou grupos. A arte tem muito para dar quando é dado espaço para incluir processos de mudança social e

estratégias de sobrevivência a diferentes populações. Além disso, os técnicos que tenham a capacidade de analisar sua própria história num nível emocional têm uma melhor capacidade para apoiar as experiências de pessoas marginalizadas: *“eles nas instituições vivem numa bolha, eles aqui sentem-se parte do instituto, chegam, cumprimentam toda a gente, estão a partir algo que os outros também fazem, e o circo tem este sentimento de superação (...) é uma conquista para eles, eles conseguem perceber a própria evolução, por exemplo, se eles chegam ao palco é sinal que “eu consegui, eu melhorei” (...) “eles conseguem perceber a própria evolução (...) houve também aqui a questão da memorização, de como é que nós íamos fazer com que eles memorizassem as sequências (...) normalmente o trabalho com as pessoas portadoras de deficiência há sempre algum técnico a conduzi-lo e nós pensámos – vamos tentar fugir disso, vamos criar cenografia, acessórios, alguma coisa que eles fiquem à vontade (...) isso permitiu eles assumirem a posição de palco (...) o que nós víamos é que eles quando estão em palco às vezes esquece-se que estão numa posição de artista e nos últimos anos isso não aconteceu, já há uma maturidade neles, e eles entram no palco como artistas e já não há esta quebra e no fim agradecem (...) com pessoas portadoras de deficiência, é sobretudo preciso tempo” [G]; “eles dizem que aprenderam uma nova forma de comunicar e de transmitir emoções, noutras casos ganharam confiança para outros desafios , daí a nossa vertente artística e social (...) os alunos que não aceitavam a sua deficiência visual, ao início também recusavam saber a musicografia braille (...) conseguimos aos poucos negociar com esse alunos e seus pais (...) por outro lado, a aceitação de alguns ou parte da aceitação das ferramentas que são utilizadas no dia a dia dos cegos como a bengala (...) nós tentamos sensibilizar os alunos com baixa visão porque alguns futuramente podem ficar mesmo cegos (...) a lidar com a frustração, porque muitos deles não conseguiam lidar com as suas questões pessoais”. [L]*

Pela questão da pandemia COVID-19, os intervenientes dos projetos tiveram de se reinventar de forma a chegar aos objetivos pois a mais valia dos demais projetos são o contacto com o outro: *“o breaking foi muito bem recebido e, mesmo com a pandemia, a Câmara Municipal insistiu em não desistirmos do projeto e, em Agosto de 2020, sentimos que os jovens estavam muito perdidos, com comportamentos de risco, e nas áreas desfavorecidas notava-se ainda mais (...) para nós, b-boys o que interessa é fazer o bem e passar bons valores(...) acima de tudo, pretendemos despertar neles um novo amor. Se resultar, ótimo. Se não resultar, espero que eles descubram outros novos amores, através de ações sociais, através do que a Câmara*

lhes possa proporcionar, ou de outras fontes (...) mas, acima de tudo, que eles descubram no breaking o desporto, a cultura, e tenham caminhos felizes". [J]

4.7. Caracterização dos projetos

Serão explorados os objetivos, metodologia e públicos alvo, recorrendo à consulta e respetiva análise de documentos institucionais. Pretende-se assim, compreender em que medida a intervenção social pela arte, fomenta processos de mudança social no sentido do aprofundamento da cidadania e na integração social. Destaca-se, ainda, o elemento diversidade referente às linguagens artísticas, geografias de implementação dos projetos, entidades promotoras, constituição das equipas, parceiros, participantes.

Os projetos centrados nas mudanças sociais são os que têm melhores resultados. O enfoque deve ser em mudar a situação de partida para os participantes/grupos vulneráveis. Assim sendo, os objetivos dos projetos devem estar centrados nas mudanças que se pretende promover e deve-se construir métricas que sejam evidência dessas mudanças. O cenário institucional de qualquer projeto social pela arte e a organização cultural consiste em normas, valores, práticas, processos e atividades. Todos esses são afetados por influências externas, históricas e organizacionais. Os cenários políticos criam uma estrutura para regras e relações entre os diferentes membros da sociedade. Todos os atores sociais relacionados com os projetos sociais pela arte estão sujeitos às políticas e influências políticas. Tecnologia, educação, desenvolvimento comunitário, estratificação económica, raça e relações internacionais - tudo isso está conectado às políticas e, muitas vezes, às artes em si. Os projetos sociais pela arte são reflexos e representações de contextos sociais. Desta forma, esses projetos atuam como entrada para diferentes políticas. A arte pode ser um agente de mudança social ou política. As artes podem ser usadas como um meio instrumental político e como ferramenta para a engenharia social. Assim, os assistentes sociais podem então atuar como mediadores entre artistas e responsáveis políticos, sendo a política um quadro que define o que é aceite, quem tem o direito de decidir e que tipo de relacionamentos e instituições os indivíduos têm direito. (Matarasso, 2019)

Os projetos sociais pela arte podem ocorrer em contexto de atividades sociais preventivas ou reabilitadoras, como é o caso do projeto Sob o mesmo céu, Meio no meio, Desporto no Bairro, Corpo em Cadeia e MUS-E. Às vezes, a arte também pode criar discussões e tornar as desigualdades ou problemas sociais visíveis - ou mesmo

detetar o futuro problemas, como nos projetos, Ajuda-me a não ter Medo e Ouvir Vozes.

Constata-se ainda que todos os projetos possuem o seu público direto e indireto. A sua participação no processo tem várias aproximações e, ambos os públicos, num primeiro nível, possuem acesso à expressão artística. No entanto, apenas o público direto participa nos restantes níveis: a participação, quando o participante experimenta/pratica a arte e posteriormente na mediação e a intervenção. Entende-se a mediação quando o participante altera/eleva sua forma de pensamento e intervenção quando tem alguma questão alterada pela participação direta com a expressão artística. Contudo, existiram situações, em que participação, mediação e intervenção teve desdobramento na vida dos familiares e amigos, sendo estes o público indireto, quando por exemplo o membro familiar, participante da modalidade artística desenvolvida pelo projeto, leva para o núcleo familiar os aprendizados. (Matarasso,2019).

Esta situação mostrou-se principalmente no público relacionado a pessoas com necessidades especiais, verificado nos projetos Circo por todos e Filarmónica enarmonia.

As instituições existentes também são caracterizadas como público indireto, beneficiado pela intervenção, uma vez que a articulação para o desenvolvimento de ações e atividades é constante e movimenta todas as forças existentes no campo. O desenvolvimento da responsabilidade e compromisso, a maior regularidade de participação, a evolução no espírito e trabalho de equipa, a melhoria na comunicação e o desenvolvimento de sentido crítico coletivo revelaram-se competências fundamentais ao longo do tempo de execução dos projetos. Os incrementos de tais mudanças grupais conduzem à mudança na dimensão artística, verificando-se um aumento ao nível da proatividade e na vontade em trazer ao bairro, família, escola, instituições de saúde, a noção de arte e cultura. (Matarasso,2019)

Outro fator verificado através das entrevistas, é a questão da formação do vínculo entre o profissional e o participante. Para que o vínculo se concretize, é essencial a relação ser de confiança, sendo que é mediante o estabelecimento dessa relação que o participante irá conseguir expor as suas fragilidades, sentimentos e vivências.

Apesar de todas as contingências que a pandemia por COVID-19 impôs no funcionamento dos projetos, verificou-se que os profissionais continuaram a incutir pensamentos e práticas artísticas nos participantes. Com os vários desafios que lhes foram propostos ao longo dos meses em que as atividades presenciais se

encontraram suspensas, foi perceptível que os conhecimentos das práticas artísticas continuam presentes. A maioria dos participantes, interpretaram os exercícios corretamente, fizeram uso criativo dos materiais fornecidos e desenvolveram interpretações ricas do desafio. Também foi possível verificar que os participantes revelam competências artísticas consolidadas, tendo conseguido pô-las em prática de forma autônoma e sem o apoio e supervisão de uma equipa artística e/ou social.

Também os encontros intergeracionais revelam-se muito importantes no que diz respeito à integração social, uma vez que as trocas de conhecimentos estabelecidas entre ambos os grupos permitem o desenvolvimento de competências socio emocionais de uma forma muito espontânea. Se, por um lado, os idosos auxiliam na transmissão de valores e de conhecimentos, por outro as crianças estimulam nos idosos a curiosidade face à novidade, a capacidade de resiliência e o sentimento de utilidade e de superação de limitações físicas e/ou cognitivas. Tal se verifica nos projetos Diários de um Interior, Teatro Umano e Meio no Meio.

No geral, as principais mudanças produzidas nos participantes são: melhoria de competências sociais, cognitivas, emocionais: (estímulo ao empenho, confiança, motivação, à capacidade de superação, ao sentimento de posse e ao sentido de igualdade de oportunidades; aceitação do “outro”/compreensão pró-social/inclusão, promoção da coesão familiar, sucesso escolar, melhoria da concentração, memorização: inclusão social). Os projetos envolveram participantes diretos e indiretos, na sua maioria crianças e jovens entre os 6 e os 25 anos, e também adultos entre os 30 e os 90 anos e trabalharam em diversas problemáticas sociais, tais como: crianças e jovens em risco, reclusão/privação de liberdade, imigração/minorias étnicas, deficiências, doentes de saúde mental, isolamento social e/ou geográfico, entre outras. Também as disciplinas artísticas utilizadas pelos projetos foram diversificadas e incluíram a música, o teatro, a dança, o circo, as artes visuais, o cinema, a fotografia e o vídeo.

Nas palavras de Teixeira (2019), é essencial realizar um desenho coerente e consistente e a implementação guiada por objetivos claros e suportada em evidências num projeto que promova a inclusão social através de práticas artísticas. Mais afirma que é o caminho certo para o sucesso, dado que as práticas artísticas não mudam, só por si, a vida das pessoas, no sentido de que nos projetos, por mais eficazes que possam ser, se não existir um processo definido com vista à inclusão, esta não acontece de forma mágica.

Tendo em conta a diversidade de projetos, existem objetivos distintos, no entanto similares entre eles. Os objetivos de cada projeto encontram-se sistematizados na tabela seguinte:

Projetos	Objetivos
Desporto no Bairro	O projeto Desporto no Bairro tem como objetivos desenvolver e trabalhar competências pessoais, sociais e mesmo profissionais entre elas regras, compromentimentos, atitudes, valores que fazem parte da formação enquanto indivíduo através do breaking.
Teatro Umano	O Teatro Umano tem como objetivos promover as relações comunitárias e competências pessoais e sociais através da linguagem teatral e fomentar a igualdade de oportunidades contribuindo para criação de novos públicos e acesso a espaços e eventos culturais a populações excluídas socialmente e estimular o diálogo e o intercâmbio entre os vários territórios.
Circo por Todos	O projeto Circo por Todos tem como objetivos através das artes do circo e da sua capacidade de estímulo à liberdade e de abertura ao infinito, envolver e integrar os cidadãos portadores de deficiência para além de incentivar o respeito por si próprio e pelos colegas; socializar e integrar; desenvolver a coordenação motora; praticar atividade física através do trabalho muscular e de alongamento; aprender a noção de espacialidade e concentração; ganhar consciência corporal e despertar o interesse e a perceção artística e fomentando um acréscimo na formação como cidadão.
MUS-E	MUS-E, tem por objetivo desenvolver as áreas de expressão artística nas escolas públicas do 1º ciclo e na educação pré-escolar, sensibilizando as crianças para a fruição da arte e possibilitando-lhes o acesso a formas de expressão e de comunicação diversificadas. Ao constatar a existência de situações de violência, de racismo e de exclusão escolar e social, com consequências graves no absentismo e no insucesso escolar de crianças muito jovens, o MUS-E propõe-se também contribuir para a prevenção e diminuição desses problemas.

Ajuda-me a não ter Medo	O projeto Ajuda-me a não ter Medo, tem como principal objetivo criar sinergias, através das artes, que contribuam para superar os desafios atualmente enfrentados pela área da saúde mental em Portugal, promovendo o combate à discriminação e ao estigma associados à doença mental.
Ouvir Vozes	O projeto Ouvir Vozes, tem como objetivo explorar as formas pelas quais as vozes podem atuar como importantes forças sociais, culturais e políticas.
Corpo em Cadeia	O projeto Corpo em Cadeia, tem como objetivos proporcionar um espaço de segurança aos reclusos, para que possam encontrar outras dimensões de si próprios, e imaginar uma outra realidade, mais positiva, ganhar uma nova confiança, e acreditar em abrir novas expectativas dentro de si próprios.
Meio no Meio	O projeto Meio no Meio tem como objetivo promover a capacitação, a criação de oportunidades de aprendizagem e a cidadania ativa de jovens e adultos que se encontram em diferentes situações de vulnerabilidade social.
Sob o mesmo Céu	O projeto Sob o mesmo Céu tem como objetivos fortalecer a vinculação e sentimento de pertença dos participantes em relação ao espaço que habitam; promover a valorização do espaço público e encontros informais que nele ocorrem e desenvolver competências sócio emocionais e de aprendizagem para a inovação e habilidades para a vida.
Filarmónica enarmonia	O projeto Filarmónica enarmonia tem como objetivos a melhoria das competências sociais cognitivas e emocionais dos participantes assim como a diminuição do estigma sentida pela comunidade participante (deficientes visuais) e não participantes (família, instituição).
Diários de um Interior	O projeto Diários de um Interior tem como objetivos a inclusão social de indivíduos e comunidades do interior do país em risco de perder a sua identidade, história e cultura e o desenvolvimento de competências artísticas, culturais e educativas que envolvam a reflexão sobre os processos de capacitação dos indivíduos e a coesão social.

Tabela 4.7: Objetivos dos projetos

Resumidamente, verificam-se objetivos gerais para o desenvolvimento de competências pessoais, profissionais e artísticas que lhes permitam uma integração mais fácil na sociedade e que se revelam mais difíceis de alcançar. A acrescentar a promoção da cocriação e uma rede de proximidade que intervenha positivamente no processo de reintegração e de inclusão social. Por último, incentivar o diálogo em vez do preconceito, a empatia em vez do estigma, tornando visível os problemas sociais e desigualdades.

Partindo das dinâmicas processuais criativas é possível identificar as metodologias desenvolvidas em cada um dos projetos. Segundo Matarasso (2019), métricas importadas das ciências sociais são habitualmente aplicadas e absolutamente eficientes no que respeita a medir o impacto social destas práticas artísticas. A preocupação com a dimensão qualitativa da arte resulta num contributo para o conhecimento do “como” e do “porquê” dos resultados e impactos obtidos pela arte participativa.

No projeto Desporto no Bairro, a metodologia centra-se em potenciar o talento e a criatividade dos jovens, reforçando a sua autoestima e, ao mesmo tempo, o seu sentimento de pertença ao bairro. No projeto Teatro Humano é aplicada a metodologia de trabalho de teatro enquanto criação da rede e tornando-o um instrumento eficaz na compreensão e na busca de alternativas para problemas sociais e interpessoais. No projeto Circo por Todos, a metodologia centra-se nos elementos da “metodologia triangular” do Circo Social, onde se encontram um espaço profícuo para o seu desenvolvimento, visto que o ensino das técnicas circenses acontece unindo a prática, a contextualização e a apreciação de obras de arte. No Circo Social, confronta-se o risco real da vida quotidiana com o risco de fazer circo. A diferença está no facto de que, através do circo, se arrisca para ser melhor, para aprender, para educar, para se mostrar e se estupeficar; atua-se, então, para transformar o risco em educação, formação e inclusão e cria-se um lugar que estimula o corpo a superar o medo do novo e a procurar novos perigos ligados a mudanças sociais. No projeto MUS-E, as metodologias utilizadas têm que ser coerentes com os objetivos do MUS-E, como tal, devem basear-se numa pedagogia assente na participação interveniente e criativa de todas as crianças nas atividades, bem como na cooperação, no respeito pelas diferenças e na responsabilização individual. No projeto Ajuda-me a não ter medo, a metodologia é utilizada através de uma intervenção baseada no modelo artístico de ação aumentando a literacia em saúde mental junto dos destinatários do e combatendo o estigma associado à doença mental em contexto social, familiar e educativo. No projeto Ouvir vozes, pretende-se explorar as formas pelas quais as

vozes podem atuar como importantes forças sociais, culturais e políticas. Assim, o projeto enquadra-se na atividade de cruzamento disciplinar entre o Teatro e a Ciência, explorando métodos de articulação destes dois campos na transmissão de conhecimento. O projeto Corpo em Cadeia, surge com o propósito de gerar um espaço de experimentação artística, com enfoque na dança e segundo a linha estética e metodologias de criação da Companhia Olga Roriz, em partilha e influência recíproca com os processos criativos da Companhia e o modelo de intervenção em Terapia Gestalt. O projeto Meio no Meio centra-se numa metodologia educacional através da participação de dois grupos intergeracionais em núcleos de formação (Dança) e quatro artistas locais (Teatro, Cinema, Artes Visuais e Música), numa metodologia de criação através da criação e apresentação, em 2021, de um espetáculo multidisciplinar que irá espelhar o processo de criação, incluindo testemunhos dos participantes. Meio No Meio pretende, assim, construir espaços de socialização e de partilha entre diferentes gerações e geografias, promovendo o cruzamento de mundos. A metodologia do projeto Sob o mesmo céu, foca-se na comunidade e visa ampliar políticas de desenvolvimento social e de atuação no espaço público, procurando repensar espaços como lugares de encontro, de integração entre as pessoas, de formação e de construção de cidadania. As práticas artísticas multidisciplinares: arquitetura, audiovisual e artes plásticas surgem como veículo de combate aos problemas sociais identificados no território de intervenção. A metodologia do projeto Filarmónica enarmonia surge na ministração de aulas de teoria musical, instrumentos de sopro ou percussão e leitura e memorização musical. A constituição de uma banda filarmónica garantirá aos participantes a oportunidade de executar em conjunto obras musicais adequadas às suas competências cognitivas e ao seu gosto musical, em ensaios e concertos. A metodologia do projeto Diários de um Interior, na sua vertente artística, consiste em colocar a população local a recolher narrativas visuais com base nas suas memórias e no quotidiano atual através da fotografia. A partir daí, são implementados programas educativos e materiais adaptados às especificidades da comunidade participante, para promover competências pessoais, sociais e cognitivas trabalhadas na dimensão artística do projeto. Em suma, as metodologias dos diversos projetos regem-se por vertentes pedagógica, social, cultural, política e pretendem contribuir para uma sociedade mais humanista e criativa. Verifica-se ainda que são baseadas numa lógica de equilíbrio entre ética, estética e resultados obtidos. Ora, se pensarmos que estes projetos envolveram pessoas surdas, crianças, população de meios urbanos e rurais, pessoas privadas de liberdade, multideficiências, saúde mental conseguimos vislumbrar a complexidade, mas também a riqueza das abordagens construídas.

CONCLUSÕES

A presente investigação cumpriu o propósito de aprofundar o conhecimento e a compreensão sobre as artes como métodos complementares na prática do serviço social, analisando a forma como se aproximam através do estímulo da consciência crítica do ser humano, para além de um recurso inovador na instrumentalidade do Serviço Social. Também pretende incluir conteúdo sobre as artes na investigação e na educação em serviço social em Portugal.

À luz dos objetivos específicos enunciados expõem-se de seguida as principais conclusões deste estudo.

No que concerne à identificação da Arte como um processo de transmissão de valores, atitudes e estratégias de acordo com a participação ativa e o espírito cívico, é possível constatar que a arte tem a capacidade de provocar reflexão, gerar empatia, criar diálogo e fomentar novas ideias. Portanto, as práticas artísticas e criativas são algumas das atividades humanas mais sociais, dinâmicas e participativas.

Por outro lado, analisando a função social da Arte, como a sociedade se encontra em constante evolução, a relação entre arte e sociedade deve ser considerada dinâmica e recíproca. Cada projeto de intervenção social pela arte tem um impacto - no público, nas partes interessadas, nos membros da equipa do projeto, na comunidade, em torno dele e assim por diante.

Relativamente ao alargamento do reportório metodológico do Serviço Social, espera-se que os assistentes sociais prestem serviços de acordo com as políticas e práticas estabelecidas pelos serviços sociais. No entanto, pode haver espaço para a aplicação de artes expressivas se estas puderem melhorar os resultados para o benefício dos utentes e quando os assistentes sociais tiverem competências, conhecimento e supervisão para apoiar esse trabalho. Os assistentes sociais que usam métodos novos ou experimentais precisarão sempre de considerar como proteger os seus utentes e fornecer informações suficientes para que eles possam escolher consentir ou não quando a intervenção envolver uma abordagem ou métodos com os quais eles não concordem. No entanto, também é útil e desejável que os profissionais inovem e experimentem novos métodos de intervenção que possam resultar em melhores resultados para os seus utentes. De realçar que uma boa supervisão e consulta com profissionais experientes e bem informados é fundamental para assistentes sociais que desejam adicionar novos métodos complementares como as artes expressivas.

Concomitantemente, identificando a Arte como um recurso inovador na instrumentalidade do Serviço Social, ao usar a Arte no Serviço Social, a ideia principal é ter como objetivo social, impactos económicos, culturais ou de outro tipo nas pessoas e na sociedade. O objetivo principal é reduzir a pobreza e o sofrimento, trazer mudança e desenvolvimento para a sociedade e ajudar as pessoas e a sociedade localmente ou em num nível mais amplo. Nestes processos, compreender a definição dos diferentes tipos de impactos das artes, a influência de políticas, o papel da ética, e a necessidade de avaliação dos impactos gerados é fundamental. Em qualquer intervenção que implique a utilização das expressões artísticas, é necessário que o assistente social que presta o serviço esteja confiante e confortável com o que está a trabalhar. Os participantes podem não apenas sentir a falta de conhecimento do profissional, mas prestar um serviço sem conhecimento e preparação adequados não é ético e pode até ser prejudicial. A prática ética é regida por códigos de conduta profissional que são claros ao aceitar trabalhos práticos para os quais se tem experiência e não aceitar para os quais os conhecimentos são insuficientes. Os assistentes sociais podem trabalhar em colaboração com aqueles que têm experiência na utilização das expressões artísticas se desejarem adicionar a arte às suas práticas. O profissional sem conhecimento sobre as expressões artísticas não terá experiência ou conhecimento para guiar os participantes, planejar atividades apropriadas, fazer adaptações às atividades ou avaliar as atividades de forma eficaz. Por isso, os utentes precisam de ter acesso a um profissional competente que saiba integrar, selecionar, adaptar ou desenvolver atividades adequadas às necessidades dos utentes, pois alguns utentes podem ter passado por experiências difíceis que podem afetar a sua disposição ou capacidade de participar. Tendo em conta as entrevistas realizadas junto das assistentes sociais constata-se que é importante repensar a profissão, sendo que criar formas alternativas e criativas de intervir é fulcral.

Por isso, é possível constatar que uma intervenção baseada na Arte fortalece o papel do Serviço Social. De salientar, que o assistente social não precisa de outra licenciatura artística para intervir com a Arte, no entanto é importante que tenha o máximo de conhecimento e se for preciso recorrer a formações, assim como aconteceu às assistentes sociais entrevistadas. Seja qual for a expressão artística, pode ser aplicada através de uma dinamização pontual, ou através de uma intervenção a médio ou longo prazo ou através da elaboração de um projeto, se necessário com o apoio de parceiros. A acrescentar, a importância de se obter uma formação relacionada com as expressões artísticas.

A evidência de interesse neste tópico na literatura do serviço social é relativamente recente. Muito pouco tem sido escrito sobre a eficácia das aplicações das artes expressivas na educação em serviço social. A pedagogia do serviço social e a prática pedagógica sobre o tema podem oferecer material interessante e útil para buscar alternativas. Por isso, respondendo à pergunta de partida da investigação, “Em que medida a Arte fomenta as potencialidades do Serviço Social?”, a mudança e a transformação individual e social são metas importantes no cerne da prática e investigação do serviço social. Para isso, os assistentes sociais pretendem usar uma variedade de métodos e abordagens para atingir esses objetivos em benefício das pessoas com quem trabalham. De acordo com Heinonen *et. all* (2019), o desenvolvimento de uma orientação no serviço social para a transformação individual e social utilizando as artes expressivas, é necessário para compreender a importância do lugar, justiça social e ação social, segurança cultural e a expressão criativa como uma necessidade humana imperiosa para o bem-estar das pessoas. Posto isto, a maior complexidade das vidas das pessoas nos dias de hoje e as questões e problemas que ocorrem em diferentes fases da vida requerem um serviço social que inove e responda com eficácia. De salientar que o assistente social não tem que sentir-se pressionado a dar respostas criativas, todavia é dever do assistente social não se posicionar de forma passiva no agir profissional, através da aglomeração de valores do serviço social e do rompimento da designada visão clássica do serviço social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barlow, C., & Hall, B. L. (2007). What about feelings? A study of emotion and tension in social work education. *Social Work Education*, 26, 399–413

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Edição Original, 1979). Cambridge: Harvard University Press. citado por Guadalupe, Sónia (2009). *Intervenção em Rede – Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Imprensa da Universidade de Coimbra

Bucho, D. (2010). *Património, Animação e Turismo*. Instituto Politécnico de Portalegre

Butler, M. L. (2001). Making waves. *Women's Studies International Forum*, 4, 387–399.

Carpenter, J., & Webb, C. (2012). What can be done to promote the retention of social workers? A systematic review of interventions. *British Journal of Social Work*, 42, 1235–1255. doi:10.1093/bjsw/bcr144

Chamberlayne, P. & Smith, M. (2008). *Art creativity and imagination in social work practice*. Routledge.

Conway, M. A. & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review*, 107, 261–288.

Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – Teoria e Prática*. Almedina

Creux, G. (2020, abril). *Art and social work*. <https://socialartsculture.files.wordpress.com/2013/04/art-and-social-work.pdf>

Damásio, A. (2017). *A Estranha Ordem das Coisas – A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Temas e Debates – Círculo de Leitores

Dominelli, L. (2006). Community development across borders: Avoiding dangerous practices in a globalizing world. *International Social Work*, 48, 702–713

Egberg, K. T., Wiberg, B., Lundman, B., & Hallgren, G. U. (2013). Qualitative content analysis in art psychotherapy research: Concepts, procedures, and measures to reveal the latent meaning in picture and the words attached to the pictures. *The Arts in Psychotherapy*, 40, 101–107

Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação – Da concepção à realização*. Lusociência

Foster, V. (2007). Ways of knowing and showing: Imagination and representation in feminist participatory social research. *Journal of Social Work Practice*. 21, 15–25

Freire, P., & Macedo, D. (1987). *Literacy, reading the word and the world*. Routledge.

Gerhardt, T. & Silveira, D. (2009, abril). *Métodos de Pesquisa*
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

Guadalupe, Sónia (2009). *Intervenção em Rede – Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Imprensa da Universidade de Coimbra

Hass-Cohen, N. & Carr, R. (2008). *Art therapy and clinical neuroscience*. Jessica Kingsley.

Heinonen, Tuula *et al.* (2019) *Expressive Arts for Social Work and Social Change*. Oxford University Press

Huss, E. (2009). “A coat of many colors”: Towards an integrative multilayered model of art therapy. *The Arts in Psychotherapy*, 36, 154–160.

Huss, Ephrat (2015). *A Theory-based Approach to Art Therapy: Implications for teaching, research and practice*. Routledge

Huss, Ephrat (2017, novembro). Arts as a methodology for connecting between micro and macro knowledge in social work: Examples of impoverished Bedouin women's Images in Israel. *British Journal of Social Work*. <https://doi-org.eres.qnl.qa/10.1093/bjsw/bcx008>

Huss, E. & Bos, E. (2018). *Art in Social Work Practice: Theory and Practice: International Perspectives* (Routledge Advances in Social Work). Routledge

Kaufman, R., Huss, E., & Segal-Engelchin, D. (2011). Social work students' changing perceptions of social problems after a year of community intervention. *Social Work Education* 30, 911–931.

Kaye, S. & Bleep, M. (1997). *Arts and healthcare*. Jessica Kingsley

Letchfield, T. & Engelbrecht, L. (2019). *Contemporary Practices in Social Work Supervision - Time for New Paradigms?*. Routledge

Levine, E. & Levine S. (2011), *Art In Action – Expressive Arts Therapy and Social Change*. Jessica Kingsley Publishers

Matarasso, F. (2019, novembro). *Arte e Esperança. Percursos da Iniciativa PARTIS 2014-2018*. <https://gulbenkian.pt/publication/arte-comunidade-percursos-da-iniciativa-partis/>

Marcuse, H. (1973), *Contre-révolution et révolte*. Éditions Seuil citado por Creux, G. (2012, abril). *Art and social work*. <https://socialartsculture.files.wordpress.com/2013/04/art-and-social-work.pdf>

Marques, E. (2014). Intervenção Comunitária através da Arte com Pessoas em Situação de Sem-Abrigo, Carvalho, M. & Pinto, C. (2014) (Coord.). *Serviço Social: Teorias e Práticas*. PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e Educação

Martinez-Brawley, E., & Endz, M. (1997). At the edge of the frame: Beyond science and art in social work. *British Journal of Social Work*, 28, 197–212.

Mitchell, C. (2011). *Doing visual research*. Sage

Morrison, T. (2007). Emotional intelligence, emotion and social work: Context, characteristics, complications and contribution. *British Journal of Social Work*, 37, 245–263. doi:10.1093/bjsw/bcl016.

Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111, 486–511

Oliveira, P. (2011, junho). “A Instrumentalidade do Serviço Social – A Arte como Intervenção Social Emancipatória e Instrumento Inovador para o Trabalho da(o) Assistente Social”.
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2992/1/2011_PriscillaRodriguesdeOliveira.pdf

Pacheco, J.A. (1993). O pensamento e a ação do professor em formação (Tese de doutoramento), Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. citado por Coutinho, C. (2018), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – Teoria e Prática*. Almedina

Pinto, C & Carvalho, M. (2015) Intervenção do Serviço Social com Indivíduos e Famílias em Carvalho, M. (Coord.), *Serviço Social com Famílias*. PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e Educação

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva

Roche, S. & Heinonen, T. (2019) “Movement and Dance”. Heinonen, Tuula et al. (2019) *Expressive Arts for Social Work and Social Change*. Oxford University Press

Rogers, N. (1993). *Expressive arts as healing*. Science and Behavior Books.

Rose, G. (2011). *Visual methodologies, researching with visual materials*. London. Sage.

Sarid, O., & Huss, E. (2010). Trauma and acute stress disorder: A comparison between cognitive behavioral intervention and art therapy. *The Arts in Psychotherapy*, 37, 8–12.

Teixeira, P. (2019, novembro). *Arte e Esperança. Percursos da Iniciativa PARTIS 2014-2018*. <https://gulbenkian.pt/publication/arte-comunidade-percursos-da-iniciativa-partis/>

Vilelas, J. (2009). *Investigação - O processo de construção do conhecimento*. Edições Sílabo

Vode, R., & Gallant, J. (2002). Bridging the gap between micro and macro practice: Large scale change and unified model of narrative deconstructive practice. *Journal of Social Work Education*, 38, 439–457

Walton, P. (2012). Beyond talk and text: An expressive visual arts method for social work education. *Social Work Education*, 31, 724–741. doi:10.1080/02615479.2012.695934

Zelizer, C. (2003). The role of artistic processes in peacebuilding in Bosnia-Herzegovina. *Peace and Conflict Studies*, 10, 62–75.

ANEXOS

Anexo A – Consentimento informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação de mestrado, a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, sob a orientação da professora Dra. Maria João Pena, que poderá contactar através do email Maria_Joao_Pena@iscte-iul.pt. Este estudo incide sobre Serviço Social e Arte e pretende analisar a forma como a Arte se alia à prática do Serviço Social como agente de ação social, justiça e mudança, para além da hipótese de recurso no que diz respeito ao cumprimento dos valores, ética e princípios da profissão de Serviço Social.

O estudo é realizado por Ana João Bucho, que poderá contactar através do email ajdbo@iscte-iul.pt caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em responder a uma entrevista que poderá durar cerca de 15 minutos. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo, sendo que face ao contexto de pandemia covid 19, a entrevista será realizada por meios à distância à sua escolha (chamada telefónica, Skype, Zoom). As suas respostas vão contribuir para compreender a arte como instrumento de intervenção no quotidiano do assistente social na atualidade assim como a arte pode ser incorporada metodologicamente no agir profissional.

A participação neste estudo é voluntária, sendo igualmente anónima e confidencial. Os dados destinam-se a tratamento e análise qualitativos e os resultados do estudo serão divulgados sob a forma da presente dissertação de mestrado.

Face ao exposto, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO

NÃO ACEITO

Nome: _____ Data: _____

Assinatura: _____

Anexo B – Guião de entrevista dirigido a técnicos que trabalham em Projetos de intervenção social através da Arte

- Pode a Arte mudar a sociedade?
- Considera que a Arte permite o surgimento de "vozes" privadas de direitos?
- Qual a relação da Arte com o desenvolvimento humano?
- Considera ser possível, através da Arte, acrescentar inovação e maior proficiência à sua prática?
- Considera que a supervisão é importante na compreensão das atividades e no desenvolvimento de competências?
- Como classifica a sua experiência com as artes expressivas?
- Que mudanças consegue evidenciar nos sujeitos com a sua participação no projeto?